

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

CELINE LORENA OLIVEIRA BARBOZA DE LIRA

**Construção e Busca de Evidências de Validade para um Instrumento de
Avaliação da Regulação Emocional**

RECIFE

2017

CELINE LORENA OLIVEIRA BARBOZA DE LIRA

**Construção e Busca de Evidências de Validade para um Instrumento de
Avaliação da Regulação Emocional**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Orientador: Prof. Dr. José Maurício Haas Bueno

RECIFE

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

L768c Lira, Celine Lorena Oliveira Barboza de.
Construção e busca de evidências de validade para um instrumento de
avaliação da regulação emocional / Celine Lorena Oliveira Barboza de
Lira. – 2017.
95 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Maurício Haas Bueno.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2017.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Inteligência emocional. 3. Emoções. 4.
Tempo de reação. 5. Emoções e cognição. 6. Regulação emocional. 7.
Teoria de resposta ao item. I. Bueno, José Maurício Haas (Orientador). II.
Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-140)

CELINE LORENA OLIVEIRA BARBOZA DE LIRA

“CONSTRUÇÃO E BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA UM
INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 30/06/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Maurício Haas Bueno (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa (Examinador Externo)
Faculdade Pernambucana de Saúde

*À minha mãe, meu marido e meus filhos,
que me formaram no passado,
enriquecem meu presente e
guiam meu futuro,
dedico um pedaço de tudo que possuo e sou.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu Pai Celestial, por ter cumprido cada promessa. Por sua infinita misericórdia em ter me dado muito mais do que eu merecia. Obrigada Senhor, bem sabes o quanto foi difícil em alguns momentos e que em vários deles caminhei somente pela fé. Obrigada por nunca me abandonar.

Agradeço a minha mãe. Você desafia qualquer conceito de distância quando se faz tão presente diariamente. Ainda preciso do teu abraço e colo, mas cada conversa, cada conselho, cada apoio foi tão precioso que não consigo imaginar como teria caminhado até aqui se não fosse por você.

Paulo, meu amor, você fez tanto por mim que não sei nem como te agradecer aqui. Fiz isto por mim sim. Mas não foi só por mim. Você é minha inspiração, você é minha motivação, é meu exemplo e minha força. Obrigada! Quem mais adormeceria tantas noites no sofá só pra estar “ao meu lado”? Sou feliz por Paulinho carregar teu nome e muito mais de você. Agradeço a ele também por tanta paciência, por demonstrar um interesse genuíno e revigorante.

Agradeço a minha Carolzinha, minha companheira desde o início! Em cada aula, em cada decisão tomada você já estava lá comigo. Você ampliou minhas perspectivas. Não posso mais mensurar o quanto cresci nesse período porque você multiplicou infinitamente as possibilidades. Eu te amo filhinha! Viestes no melhor momento, na hora certa, na melhor fase. Foi você quem me nutriu, quem me deu carinho, quem me incentivou nos primeiros passos e não esmoreceu durante a caminhada; e não o contrário!

Agradeço ao melhor orientador deste mundo. Pura e simples verdade. Professor Dr. Maurício Bueno, a orientação não findava quando eu saía da sala/reunião. Não gravei tudo apenas no celular. Sempre me lembrarei de sua competência, embalada em humildade, lidando magistralmente com tudo e todos. Isso claro, sem perder o bom, bom não temo humor.

Agradeço ao NEAP/UFPE por terem me acolhido e me ajudado sobremaneira. Mi,

Angel e Fernanda vocês são verdadeiros anjos queridas. Agradeço à minha turma também. Cada um à sua maneira contribui e enriqueceu esse processo de forma tão especial.

Obrigada aos membros das bancas, especialmente o Dr. Fabiano Koich Miguel pelas valiosas contribuições. Sou grata a cada participante desta pesquisa. E também ao CNPQ, pelo financiamento desta pesquisa por meio da minha bolsa de mestrado.

*Adão caiu para que os homens existissem;
e os homens existem para que tenham alegria.
(2 Néfi 2:25, Livro de Mórmon)*

RESUMO

A busca pela integração entre a emoção e a cognição vem avançando com estudos sobre a inteligência emocional e as habilidades que a compõem, como a regulação emocional. Considerando a importância de avaliar tais habilidades para o avanço teórico na área, relata-se aqui a construção do Teste de Regulação de Emoções (TRE) que se propõe a avaliar o conhecimento acerca da utilização de estratégias para regular as emoções, tendo como base a teoria psicoevolutiva das emoções e o modelo de regulação emocional proposto por James Gross. Realizaram-se dois estudos, sendo que no primeiro buscou evidências de validade com base na estrutura interna do TRE (validade fatorial) e com base em sua relação com variáveis externas (indicadores psicopatológicos e dados pessoais); e o segundo, a análise do instrumento a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI). Em ambos a amostra foi composta por 289 indivíduos adultos, que foram contatados pela internet, e responderam ao questionário sociodemográfico e ao TRE, composto por cenários (vinhetas) representativos de conflitos envolvendo oito emoções básicas, e itens em que o respondente avalia a eficácia de respostas aos conflitos emocionais presentes nas vinhetas. Para o estudo de validade com variáveis externas, uma parcela menor (N=191), respondeu o Inventário Dimensional Clínico da Personalidade-Triagem. O primeiro estudo resultou numa estrutura bifatorial sugerindo que dois processos mentais estão relacionados com a regulação de emoções: o de detectar que uma estratégia é eficaz (fator 1) e o de detectar que uma estratégia não é eficaz (fator 2) para regular emoções. A análise do segundo estudo apresenta dados importantes para a continuidade do desenvolvimento do instrumento, como por exemplo o modo pelo qual se pode construir novos itens, controlando-se seus índices de dificuldade com base no conhecimento do traço latente. De modo geral os resultados mostram que o TRE apresentou boas propriedades psicométricas e ajustamento ao modelo da TRI. Discute-se a necessidade de se pensar a regulação de emoções como um processo complexo, que envolve diferentes tipos de processamento da informação e que necessitam ser melhor investigados em estudos futuros.

Palavras-chave: Regulação Emocional. Emoções. Inteligência Emocional. Teoria de Resposta ao Item.

ABSTRACT

The search for the integration between emotion and cognition has been advancing due to studies on emotional intelligence and related skills, such as emotional regulation. Considering the importance of evaluating such skills for the theoretical advancement, this work reports the construction of the Emotion Regulation Test (ERT), which aims to evaluate the knowledge about the usage of strategies to regulate emotions, based on the Psychoevolutionary theory of emotions and the model of emotional regulation proposed by James Gross. Two studies were carried out, in which the first one sought validity evidence based both on the internal structure of the ERT (factorial validity) and on its relationship with external variables (psychopathological indicators and personal data); and in the second study analyzed the psychometric properties of the instrument based on Item Response Theory (IRT). Participants of both studies were 289 adults, that were contacted by internet, and answered a sociodemographic questionnaire and the ERT, which consists of scenarios (vignettes) representing conflicts involving eight basic emotions, and items in which the respondent evaluates the effectiveness of responses to the emotional conflicts present in the vignettes. For the validity with external variables study, a smaller portion ($N = 191$) of the whole sample responded to the Clinical Dimensional Inventory of Personality-Screening. The first study resulted in a two-factor structure suggesting that there are two mental processes underlying the regulation of emotions: to detect that a strategy is effective (factor 1) and to detect that a strategy is not effective (factor 2) to regulate emotions. The second study presents important data to continue developing the instrument, for example, how to construct new items controlling its difficulties based on the latent trait. In general, the results of the work show that the ERT presented good psychometric properties and adjustment to the TRI model. Discussion suggests that regulation of emotion should be understood as a complex process involving different types of information processing and the need for further investigation.

Key words: Emotional Regulation. Emotion. Emotional Intelligence. Item Response Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As estratégias no processo de Regulação Emocional.....	20
Figura 2 - Efeito de sexo nos fatores de regulação de emoções.....	40
Figura 3 - Efeitos de escolaridade nos fatores de regulação de emoções.....	41
Figura 4 - Mapa pessoas-itens do Fator 1 do TRE.....	66
Figura 5 - Mapa pessoas-itens do Fator 2 do TRE.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sequências emocionais.....	24
Tabela 2 - Índices de ajuste dos fatores obtidos na Análise Fatorial Exploratória.....	36
Tabela 3 - Cargas fatoriais dos itens do TRE.....	37
Tabela 4 - Correlação entre os fatores do TRE.....	38
Tabela 5 - MANOVA do efeito de sexo e escolaridade, controlando-se a idade.....	39
Tabela 6 - Correlação entre os fatores do TRE e a idade.....	42
Tabela 7 - Estatísticas Descritivas por Item do Fator 1.....	64
Tabela 8 - Análise do Traço Latente do Fator 1.....	67
Tabela 9 - Estatísticas Descritivas por Item do Fator 2.....	70
Tabela 10 - Análise do Traço Latente do Fator 2.....	71

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Inteligência Emocional.....	13
1.2	Regulação de Emoções.....	17
1.3	Teoria Psicoevolutiva das Emoções.....	22
2	ESTUDO I - CONSTRUÇÃO E BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA O TESTE DE REGULAÇÃO DE EMOÇÕES.....	26
2.1	Introdução.....	26
2.2	Método.....	32
2.3	Resultados.....	35
2.4	Discussão.....	41
3	ESTUDO II - TESTE DE REGULAÇÃO DE EMOÇÕES: ANÁLISE COM A TEORIA DE RESPOSTA AO ITEM.....	54
3.1	Introdução.....	54
3.2	Método.....	59
3.3	Resultados.....	61
3.4	Discussão.....	71
3.5	Considerações Finais.....	74
4	CONCLUSÕES.....	80
	REFERÊNCIAS.....	82
	APÊNDICE A – TESTE DE REGULAÇÃO DE EMOÇÕES.....	88
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...93	
	ANEXO A - INVENTÁRIO DIMENSIONAL CLÍNICO DA PERSONALIDADE – VERSÃO TRIAGEM.....	95

1 INTRODUÇÃO

1.1 Inteligência Emocional

A Inteligência Emocional (IE) constitui um campo de investigação relativamente novo e, no entanto, é um dos aspectos da inteligência mais discutidos na atualidade. A definição da IE depende da compreensão dos componentes do termo, inteligência e emoção, e também de sua interação (Mayer & Salovey, 1997; Primi, 2003).

Historicamente, emoção e inteligência têm sido vistas como aspectos distintos e incompatíveis do funcionamento mental, sendo as emoções consideradas uma força intrinsecamente irracional e desagregadora. Por exemplo, Mayer e Salovey (1997) apontam a ideia de que a mente seria assaltada por experiências emocionais intensas, o que apesar de verdadeira em alguns casos, enfatiza somente o aspecto desagregador das emoções. Em muitas circunstâncias, entretanto, as reações emocionais promovem a inteligência ao interromper o processo em andamento, voltando a atenção para outros aspectos que podem ser importantes no ambiente. Nesse sentido, elas priorizam a cognição.

A primeira definição acadêmica de IE foi proposta por Salovey e Mayer (1990) e, desde então, o termo vem sendo estudado e pesquisado sob diversas perspectivas conceituais e metodológicas, apontando o interesse nesse modo de conceber as capacidades humanas (Mayer, Salovey, & Caruso, 2002; Dantas & Noronha, 2005).

Mayer e Salovey descrevem a IE como “a capacidade de perceber emoções, ter acesso a emoções e gerá-las, de modo a ajudar o pensamento a compreender as emoções e o conhecimento emocional e a controlar as emoções de maneira reflexiva para promover o crescimento emocional e intelectual” (1997, p. 17). Para os autores esta definição combina as ideias de que a emoção faz pensar de maneira mais inteligente e de que as pessoas pensam de maneira inteligente sobre suas emoções.

O modelo de Mayer e Salovey (1997) propôs que há quatro habilidades implicadas com o processamento de informações emocionais: (1) percepção de emoções; (2) facilitação

do pensamento; (3) compreensão de emoções; (4) regulação de emoções.

A percepção de emoções é definida como a capacidade de perceber as emoções em si mesmo e nos demais, assim como nos objetos, na arte, etc. através da linguagem, dos sons, da imagem e do comportamento. Inclui a habilidade para identificar os estados de ânimo, as reações físicas, os sentimentos e os pensamentos em si mesmo, assim como a expressão adequada das emoções, as necessidades e os sentimentos próprios, e a capacidade para discriminar entre as expressões sinceras (versus as não sinceras) de sentimentos (Mayer, Salovey, & Caruso, 2008).

A facilitação emocional do pensamento, considerada como a capacidade de gerar, sentir e utilizar as emoções da forma necessária para comunicar os sentimentos ou utilizá-los em outros processos cognitivos, como o pensamento. Esse recurso inclui a utilização das emoções como um recurso interno para chamar a atenção para informações que são relevantes e que deveriam ser consideradas para a tomada de decisões, a compreensão de que o humor pode influenciar a perspectiva (otimista/pessimista) com que o indivíduo avalia o mundo e pode incentivá-lo a considerar vários pontos de vista (uma vez que tenha conhecimento de que outros estados de humor podem produzir compreensões diferentes da realidade) e, finalmente, a compreensão de como os estados emocionais dirigem formas específicas de aproximar-se do problema facilitando/dificultando os processos de raciocínio indutivo e de criatividade (Mayer, Salovey, & Caruso, 2008).

A compreensão e análise de emoções, definida como a capacidade para identificar as emoções e reconhecer as relações entre as palavras e as próprias emoções, para que haja compreensão da informação emocional, por exemplo, como elas se combinam (como pode sentir simultaneamente amor e ódio, medo e surpresa) e como as emoções mudam (p. ex., como você pode ir da raiva para a satisfação ou vergonha); também inclui a capacidade de apreciar significados emocionais, ou seja, de interpretar emoções segundo as situações que as desencadeiam e como usar o conhecimento emocional (Mayer, Salovey, & Caruso, 2008).

A regulação de emoções, definida como a capacidade de aceitar emoções (tanto agradáveis quanto desagradáveis), para manter ou distanciar-se de uma emoção, dependendo do juízo reflexivo que é feito sobre a sua utilidade; a capacidade de gerir as emoções em si mesmo e em outros moderando as negativas e promovendo as positivas sem reprimir ou

exagerar a informação que fornecem; em poucas palavras, é a regulação reflexiva das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (Mayer, Salovey, & Caruso, 2008).

Atualmente existem diferentes modelos e medidas de IE que podem ser resumidas em duas grandes categorias: os modelos de habilidade e os modelos mistos (Fernández-Berrocal, Berrios-Martos, Extremera, & Augusto, 2012). Os modelos de habilidade abrangem o processamento cognitivo da informação afetiva e emocional. Já os mistos são aqueles que combinam ou mesclam habilidades mentais com características estáveis de comportamento e variáveis de personalidade. Definições populares de IE, como a proposta por Goleman (1996), afastam-se da ideia original (de Salovey & Mayer, 1990) e referem-se à IE como caráter, sugerindo que ela determinaria em grande parte o sucesso ou o fracasso das relações e experiências cotidianas.

As pesquisas, no entanto, têm apoiado a pertinência da IE como uma habilidade mental, como um novo tipo de inteligência, contrariamente à sua sobreposição com traços de personalidade, encontradas nas concepções mistas (Woyciekoski & Hutz, 2009; Fernández-Barrocal et al., 2012). Por esta razão, neste estudo, optou-se pela abordagem da IE como uma habilidade cognitiva. A evolução do campo assinala que a IE não se limita unicamente à capacidade para raciocinar sobre emoções, mas estende-se à capacidade de usar as emoções e o conhecimento emocional para aprimorar os processos de pensamento.

Com as proposições teóricas, foi necessário o desenvolvimento de instrumentos adequados para mensurar a IE e que permitissem testar cientificamente as hipóteses relacionadas com a sua pertinência ou não enquanto um construto psicológico (Miguel & Bueno, 2016). Miguel e Primi (2014) relembram que apesar de a IE ser um campo desenvolvido a partir de uma extensa literatura experimental, os instrumentos que se propõe a medi-la ainda são alvo de críticas. Dentre os instrumentos para avaliar a IE, há os testes de desempenho e inventários de autorrelato, por exemplo (Woyciekoski & Hutz, 2009).

Ao avaliar a IE, os inventários de autorrelato demonstram uma forte relação com traços de personalidade e, portanto não são considerados como uma autêntica medida de habilidade cognitiva. Já os testes de desempenho medem a *performance* de determinado sujeito em tarefas específicas, no caso, tarefas mais diretamente relacionadas ao processamento cognitivo de informações carregadas de afeto (Ciarrochi, Chan, Caputi, &

Roberts, 2001; Woyciekoski & Hutz, 2009; Miguel & Primi, 2014).

Sabe-se pelos estudos sobre a inteligência que os testes de desempenho são os mais adequados para que a pessoa demonstre sua capacidade de processar as emoções, visto que dificultariam a simulação de desempenho, além de evitar avaliações subjetivas acerca de suas habilidades emocionais, como ocorre nos inventários de autorrelato (Woyciekoski & Hutz, 2009; Mayer et al., 2002).

Os principais instrumentos para avaliação da IE por desempenho são a Mayer Emotional Intelligence Scale – *MEIS* (Mayer, Salovey, & Caruso, 1997) e sua versão aprimorada, o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test – MSCEIT V2.0* (Mayer et al., 2002). No *MSCEIT* os autores passaram a considerar que o uso inteligente das emoções e seu impacto no pensamento se dão a partir dos conteúdos próprios (intrapessoais) e da leitura de emoções alheias (interpessoal), além de ter sido levado em consideração o fato de as quatro habilidades propostas pelo modelo de Mayer e Salovey (1997) poderem ser desenvolvidas e estudadas separadamente. O instrumento ficou composto por 141 itens, distribuídos em 8 seções. As seções A (faces) e E (figuras) são destinadas a avaliação da capacidade de perceber emoções em faces e paisagens, respectivamente; as B (facilitação) e F (sensação) são compostas por tarefas ligadas à utilização da emoção para facilitação do pensamento; a compreensão de emoções é avaliada pelas tarefas propostas nas C (transição) e G (mistura); finalmente, a regulação das emoções é avaliada por meio das tarefas da D (administração de emoções) e H (Relações emocionais). Estudos psicométricos têm evidenciado a validade e fidedignidade do *MSCEIT* (Mayer, Caruso, & Salovey, 1999; Mayer, Salovey, Caruso, & Sitarenius, 2003; Palmer, Gignac, Manocha, & Stough, 2005); inclusive com a população brasileira, após sua tradução para língua portuguesa (Bueno, Santana, Zerbini & Ramalho, 2006; Cobêro, 2004; Dantas, 2004; Dantas & Noronha, 2005; Jesus Jr., 2004; Noronha, Primi, Freitas, & Dantas, 2007; Primi, Bueno, & Muniz, 2006).

Assim como o *MSCEIT*, pesquisas recentes vêm buscando construir instrumentos para medir as habilidades que compõe a IE. No Brasil ainda não há testes psicológicos disponíveis comercialmente que mensurem estas habilidades, sendo encontrados apenas em pesquisas (por exemplo, Bueno, 2008; Bueno, 2013; Miguel, Couto, Muniz, Primi, & Noronha, 2007).

Neste estudo relata-se a construção de um teste de desempenho para avaliação de uma

das habilidades da IE: a regulação de emoções. A próxima seção se dedicará a explorar os estudos mais recentes sobre regulação emocional.

1.2 Regulação de Emoções

O desenvolvimento do conceito de IE levou, de acordo com Ruiz, Salazar e Caballo (2012), a outro conceito bastante difundido atualmente: a regulação emocional (RE). A capacidade para regular emoções tem sido muito valorizada, pois trata-se de algo fundamental para manter o equilíbrio interno do sujeito, permitir relações adaptadas e promover a saúde mental (Machado & Reverendo, 2012).

Apesar da existência de diferentes abordagens teóricas dentro e fora da psicologia, Gross (1998) avança nos estudos de RE ao integrar os dados de toda a investigação previamente realizada demonstrando que os seguintes pressupostos são comuns: (1) os indivíduos podem diminuir, amplificar, ou simplesmente manter uma emoção, dependendo de seus objetivos; (2) os processos envolvidos na RE não são iguais para todas as emoções/situações, mas sim diferentes e consoantes com a emoção experienciada; (3) pode ser intrínseca /intrapessoal (regulando as próprias emoções) ou extrínseca/interpessoal (regulando as emoções de outra pessoa); (4) as estratégias de RE desenvolvem-se num continuum entre processos conscientes controlados e processos inconscientes e automáticos; (5) a RE pode ser adaptativa ou desadaptativa consoante os recursos do indivíduo para lidar com a situação (Peña-Sarrionandia, Mikolajczak & Gross, 2015 ; Vaz, 2009).

Um dos principais desafios presentes no estudo da RE tem sido a sua conceitualização teórica de forma a organizar as diferentes estratégias utilizadas na vida diária. Para avançar nesse tema é importante uma compreensão dos processos através dos quais as emoções podem ser reguladas, no entanto a análise conceitual e o desenvolvimento de um modelo para organizá-las tem sido apontados como uma parte crítica do estudo da RE (Peña-Sarrionandia et al., 2015).

Muitos esforços já foram empregados nesta tarefa. Naragon-Gainey, McMahon e Chacko (2017) sintetizam que para explorar as estratégias de regulação de emoções, há dois

grupos de modelos teóricos proeminentes que implicam estruturas plausíveis: os modelos baseados em estratégias e os modelos de processos temporais.

Os modelos baseados em estratégia conceituam a RE de acordo com estratégias específicas, com foco em suas características formais e correlatos (Naragon-Gainey et al., 2017). As estratégias então costumam ser rotuladas como adaptativas e desadaptativas. As primeiras tem apresentado associações negativas com sintomas psicológicos (por exemplo, aceitação, resolução de problemas, reavaliação, atenção plena), já as últimas geralmente apresentam associações positivas com psicopatologia (por exemplo, supressão emocional, evitação experiencial, evitação comportamental, ruminação) (Aldao & Nolen-Hoeksema, 2012; Aldao, Nolen-Hoeksema, & Schweizer, 2010).

No entanto já foi observado que classificar as estratégias como unilateralmente "adaptativas" ou "desadaptativas" é um pouco redutor, uma vez que qualquer estratégia pode ser bem-sucedida ou mal sucedida em uma situação particular para uma determinada pessoa e objetivo (Aldao, 2013). Por exemplo, se dois amigos vão receber juntos o resultado de um teste e um deles recebe um bom resultado, diferentemente do outro que foi reprovado, a supressão emocional pode ser muito útil ao primeiro pra que ele mantenha o relacionamento e use de empatia para com o colega.

Assim, tem-se aprendido a evitar a classificação a priori das estratégias, visto que evitar rigidamente estratégias erroneamente classificadas como desadaptativas e apenas utilizar putativamente estratégias adaptativas pode ser crítico para uma regulação bem sucedida da emoção (Aldao, 2013; Peña-Sarrionandia et al., 2015). No entanto, Naragon-Gainey e colaboradores (2017) ressaltam que é importante considerar que há um grande conjunto de pesquisas que mostram que, quando usadas habitualmente, algumas estratégias tendem a ser associadas a resultados positivos, como a saúde psicológica, e outras tendem a estar associadas a resultados negativos, como por exemplo a alguns transtornos psicológicos (Aldao et al., 2010).

Observando agora os modelos de processo temporal, o modelo processual de Gross (1998, 1999; 2002; 2008; 2015) destaca-se como o mais influente dado sua evidência empírica e ênfase no processamento cognitivo da informação emocional (Naragon-Gainey, McMahon, & Chacko, 2017).

No modelo processual proposto por Gross (1998) pode-se entender que a RE configura-se como um campo de estudo que visa à compreensão de como e por que as emoções organizam outros processos psicológicos e, mesmo assim, podem interferir nesses e em outros processos. O autor afirma que a RE trata de um conjunto de processos através dos quais o indivíduo influencia as emoções que experiencia, o momento da sua ocorrência e a sua expressão.

Desta maneira Gross (1998) fornece uma estrutura para classificar os processos de RE, independentemente do seu potencial valor adaptativo, ao categorizar as estratégias de acordo com o ponto em que elas têm seu impacto primário no processo de geração emocional (Peña-Sarrionandia et al., 2015).

Para Gross (2008), uma emoção se dá em um contexto em que uma situação mobiliza a atenção de um indivíduo (contexto indivíduo-situação), que irá avaliá-la cognitivamente e gerar uma resposta (explícita ou implícita), mediante determinada circunstância. Portanto, cada um dos processos envolvidos na eliciação de uma emoção (Situação, Atenção, Avaliação e Resposta) possibilita uma oportunidade de regulá-la.

A Figura 1 ilustra que a sequência começa com uma situação psicologicamente relevante, que pode ser externa, e, portanto, fisicamente determinável, ou interna, e com base em representações mentais. Seja interna ou externa, as situações dão origem a avaliações do indivíduo sobre – entre outras coisas – a familiaridade, valência e relevância da situação. Diferentes teóricos postularam diferentes etapas de avaliação, mas há um amplo consenso de que são estas avaliações que dão origem às respostas emocionais, que, por sua vez, podem envolver mudanças nos sistemas de resposta experienciais, comportamentais e neurobiológicos. Como muitas outras respostas, uma resposta emocional, muitas vezes muda a situação que deu origem à resposta em primeiro lugar, sendo representada pela seta de volta (que modifica) a situação (Gross & Thompson, 2007).

Conforme pode ser observado, Gross & Thompson (2007) postulam a existência de cinco estratégias de RE (na parte superior da Figura 1). A primeira estratégia, seleção da situação, consiste na implementação de esforços para a ocorrência (ou não) de uma situação. Para Gross (2008), ela requer uma compreensão das especificidades da situação que ocorrerá e das respostas emocionais prováveis a essa situação. Uma limitação para uma seleção eficaz

é a capacidade do indivíduo em avaliar os benefícios a curto e a longo prazo. Outra estratégia é a modificação da situação, ou seja, a implementação de esforços para modificar diretamente a situação e, consequentemente, o seu impacto emocional no indivíduo (Gross, 2008; Gross & Thompson, 2007).

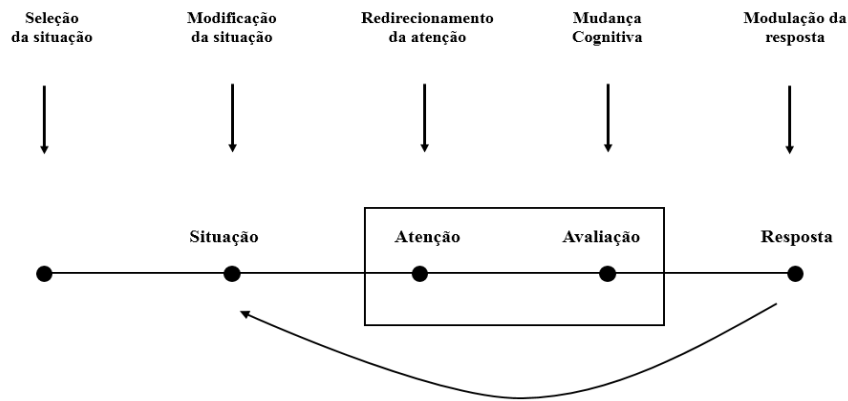


Figura 1. As estratégias no processo de Regulação Emocional. Traduzido de Gross & Thompson (2007).

Também é possível regular as emoções sem modificar efetivamente o ambiente ou a situação, através, por exemplo, do redirecionamento da atenção. Modificar o foco atencional pode ser considerado a versão interna da seleção da situação e é especialmente importante quando não é possível alterar a situação em que o indivíduo se encontra. Duas estratégias muito utilizadas de redirecionamento da atenção são a distração e a ruminação (Gross, 2008; Gross & Thompson, 2007). A primeira consiste em focalizar em dimensões não emocionais ou desviar completamente a atenção da situação (Werner & Gross, 2010). Contrariamente à distração, a ruminação implica a focalização da atenção nos aspectos emocionais da situação, em que a atenção é repetidamente direcionada aos próprios sentimentos e respectivas consequências (Gross & Thompson, 2007).

Gross (2008) e Gross e Thompson (2007) dizem que a quarta estratégia, a mudança cognitiva, refere-se à modificação da avaliação de uma situação com o intuito de alterar o significado emocional de uma situação, mediante a alteração na forma como pensamos sobre

um evento ou na percepção da nossa capacidade em lidar com o mesmo. Segundo Gross (2008), esse tipo de estratégia é frequentemente usado para diminuir a resposta emocional do sujeito em relação a determinada situação. No entanto, também pode ser utilizada para ampliar a resposta emocional, e até mesmo para alterar a emoção em si. Dentro do processo de regulação das emoções, tal estratégia ocorre no momento em que está havendo a avaliação da situação, ou seja, após o sujeito já ter mobilizado sua atenção em relação à mesma.

No âmbito das estratégias de RE através da mudança cognitiva, tem-se atribuído especial destaque à reavaliação cognitiva, que envolve a alteração do significado que perpassa uma situação, de forma que ocorre uma mudança na resposta emocional do sujeito em relação a esta mesma situação (Gross, 2002). Conforme aponta Gross e John (2003), a reavaliação correlaciona-se positivamente com o funcionamento interpessoal e bem-estar, sendo que os indivíduos que a utilizam têm menos sintomas depressivos e maiores autoestima e satisfação com a vida.

A modulação da resposta ocorre tardiamente quando já houve a avaliação da situação, ou seja, no final do processo, após as tendências de resposta já terem sido iniciadas. A modulação da resposta tem como objetivo modificar a dimensão fisiológica, experiencial e comportamental da emoção (Gross & Thompson, 2007). De acordo com Gross (2002), uma das formas mais exploradas de modulação é a “supressão da expressão”, que se refere aos esforços para inibir o comportamento expressivo emocional.

Gross e Jazaieri (2014) afirmam que são as estratégias de RE que especificam os meios, que podem ser mais ou menos eficientes, para alcançar a meta pretendida. Assim será o objetivo da regulação de emoções determinar se a experiência emocional, expressão ou fisiologia deve ser aumentada, mantida ou diminuída em duração e/ou intensidade (Peña-Sarrionandia et al., 2015).

Para Gross (2002) algumas competências fundamentais para uma boa RE envolvem ser capaz de diferenciar as emoções, compreender a sua função e refletir sobre as mesmas. Isto permitiria aos indivíduos decidir o que querem expressar ou suprimir.

Pesquisadores tem considerado que cada emoção requer o emprego de diferentes estratégias de regulação ou de enfrentamento (Cruvinel & Boruchovitch, 2010). Alguns autores salientam a importância de levar em conta características contextuais emocionais

(intensidade e os tipos de emoção) como preditores de RE espontânea, por exemplo (Dixon-Gordon, Albao, & De Los Reyes, 2015).

Assim, aponta-se a necessidade de investigação em contextos emocionais específicos para identificar padrões de RE que podem ser eficazes e ineficazes abrindo caminho para intervenções mais adaptadas para realçar a regulação nos contextos emocionais específicos em que as dificuldades são prováveis que aconteçam (Dixon-Gordon, Albao, & De Los Reyes, 2015). Isso está baseado na compreensão de que diferentes emoções (ou seja, o uso repetido de um determinado padrão de RE) trazem consequências diferentes para a adaptação a longo prazo (Peña-Sarrionandia et al., 2015).

Desta maneira, para auxiliar a construção do instrumento proposto neste trabalho, tornou-se necessário conceituar e definir quantas e quais são as emoções básicas e primárias, de forma a orientar a elaboração dos itens. Optou-se, portanto por uma perspectiva funcionalista das emoções, a partir de uma teoria psicoevolutiva das emoções (Plutchik, 2003). Os principais conceitos dessa teoria são apresentados a seguir.

1.3 Teoria psicoevolutiva das emoções

As teorias psicoevolutivas da emoção, assim como a teoria darwiniana, entendem que as espécies vêm mudando gradativamente, de geração para geração, tanto em estruturas físicas quanto mentais, em busca de uma melhor adaptação ao meio, e conseqüentemente, da perpetuação da espécie (Bueno, 2008). Assim, tais teorias propõem que os estados emocionais existem hoje como reflexo da evolução das espécies, ou seja, como forma de comunicação que tem valor adaptativo ou de sobrevivência (Bueno, 2008; Miguel, 2015).

Dentre as teorias psicoevolutivas, Plutchik (2003) apresenta uma perspectiva geral que implica a importância da evolução na compreensão das emoções. O autor propõe uma definição estrutural que indica quantas e quais são as emoções primárias, de forma a estabelecer uma relação de funcionalidade de cada uma delas, ressaltando os aspectos informativos e adaptativos. Sua teoria consiste em três modelos inter-relacionados: o

estrutural, o sequencial e o derivado (Plutchik, 2003).

O modelo estrutural assume que as emoções podem variar em intensidade, similaridade e polaridade. A intensidade é uma característica que pode ser observada no desenvolvimento da linguagem humana, aonde existem palavras capazes de designar os diferentes graus com que uma emoção é vivenciada, como, por exemplo, gostar, amar e adorar; a similaridade diz respeito ao grau em que duas emoções são parecidas entre si, por exemplo, o medo está muito mais próximo da surpresa, do que da aversão. Outra característica importante do modelo estrutural é que ele assume que as pessoas percebem as emoções de maneira bipolar em suas experiências cotidianas, ou seja, normalmente se pensa em alegria versus tristeza ou medo versus raiva, por exemplo. Com essas três dimensões (intensidade, similaridade e polaridade), foi identificada uma estrutura tridimensional que resultou em oito emoções básicas, quais sejam: alegria, aceitação (amor), medo, surpresa, tristeza, aversão, raiva e antecipação (ansiedade) (Plutchik, 2003).

O modelo sequencial de emoções sustenta que as emoções são uma parte de "sistema de feedback circulares". Plutchik (2003) descreve este complexo sistema como tipicamente contendo um evento estímulo que desencadeia um efeito emocional variado, porque depende da interpretação que cada pessoa dará a eles. Por sua vez é desencadeado um estado emocional, que será seguido de um impulso para a ação. O impulso para a ação nem sempre desencadeia a ação em si, mas frequentemente o faz, seja por meio de sinais sutis, como expressões faciais, tensões musculares, ou por comportamentos mais evidentes, como correr, enfrentar, etc.

Ou seja, a emoção que surge em decorrência de um evento interno ou externo, tende a produzir um comportamento. O efeito desse comportamento realimenta o sistema. Se o comportamento for suficiente para reduzir a tensão, a tendência à ação diminuirá, se o comportamento provocar outra emoção, ela tenderá a produzir um comportamento correspondente. A retroalimentação do sistema pode influenciar a tendência à ação, os estados emocionais e as cognições que permeiam esse processo, tanto quanto os eventos que o desencadearam (Plutchik, 2003).

Plutchik (2003) enfatiza duas ideias a respeito das sequências emocionais. Primeiro, emoção, como ele usa o termo, não se refere apenas à sensação subjetiva de estados como

alegria ou tristeza, mas também para toda a cadeia de eventos que inclui sentimentos, cognições, impulsos para agir, e assim por diante. Um indivíduo, portanto, pode não estar consciente de alguns componentes do sistema. Em segundo lugar, sustenta que as emoções têm um propósito na vida dos indivíduos. De acordo com o autor essa ideia decorre da perspectiva evolucionária e implica que as emoções são processos adaptativos.

O modelo derivativo também é baseado no pensamento evolucionista e afirma que as emoções estabelecem relações com outras áreas do funcionamento mental. Assim, uma emoção está sempre associada a uma cognição, a um comportamento, que tende para um efeito no ambiente. A Tabela 1 mostra as sequências mais comuns para as oito emoções básicas propostas por Plutchik (2003).

Tabela 1

Sequências emocionais

Estímulo	Cognição	Estado emocional	Comportamento observável	Efeito
Ameaça	Perigo	Medo	Fuga	Se salvar
Obstáculo	Inimigo	Raiva	Ataque	Destruir o obstáculo
Ganho de um objeto valioso	Posse	Alegria	Retenção ou repetição	Ganhar recursos
Perda de um objeto valioso	Abandono	Tristeza	Choro	Reobter o objeto perdido
Membro de um grupo	Amigo	Aceitação	Cuidados	Suporte mútuo
Paladar ruim	Veneno	Aversão	Vômito	Rejeição do veneno
Território novo	Investigue	Ansiedade	Mapeamento	Conhecimento do território
Evento inesperado	O que é isso?	Surpresa	Interrupção de tudo o que estava fazendo	Ganho de tempo para orientação

Nota. Tabela de elementos-chave nas sequências emocionais. Traduzido de Plutchik (2003).

Plutchik (2003) também observa em sua proposta teórica como certos tipos de personalidade parecem estar relacionados com certas emoções na medida em que representam as emoções que ocorrem em um indivíduo persistentemente ou repetidamente durante longos períodos de tempo. Por exemplo, alguém que muitas vezes é temeroso/medroso (emoção) pode ser descrito como tímido (traço/personalidade característica).

No geral, a teoria psicoevolucionista das emoções fornece um modelo que traz subsídios consistentes sobre a definição das emoções, assim como também faz uma relação mais ampla com as características da personalidade. As sequências naturais de cada emoção, apresentadas na Tabela 1, geralmente são observadas no mundo real e, para a construção do instrumento alvo deste trabalho, serão utilizadas como base para a produção de vinhetas representativas de cada emoção básica (Plutchik, 2003). Em seguida serão apresentadas aos participantes estratégias de RE, que serão operacionalizadas com base na teoria de Gross (2008), cuja eficácia os participantes serão convidados a avaliar por meio de uma escala de cinco pontos que vai de muito ineficaz (1) até muito eficaz (5), com os valores 2, 3 e 4 representando posições intermediárias entre esses dois extremos.

Considerando a importância de avaliar a RE para o avanço teórico na área, relata-se aqui a construção do Teste de Regulação de Emoções (TRE) que se propõe a avaliar o conhecimento acerca da utilização de estratégias para regular as emoções, tendo como base a teoria psicoevolutiva das emoções e o modelo de RE proposto por James Gross. O presente trabalho está dividido em dois estudos, sendo que o primeiro buscou evidências de validade com base na estrutura interna do TRE (validade fatorial) e com base em sua relação com variáveis externas (indicadores psicopatológicos e dados pessoais); e o segundo, a análise das propriedades psicométricas do instrumento a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI). Levando também em consideração a importância da divulgação dos resultados de pesquisa para a comunidade científica, especialmente no formato de artigos, que circulam mais facilmente e, talvez por isso, atingem um número maior de pesquisadores, os estudos deste trabalho já foram escritos e são apresentados nesse formato.

2 ESTUDO I - CONSTRUÇÃO E BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA O TESTE DE REGULAÇÃO DE EMOÇÕES

2.1 Introdução

A Regulação Emocional (RE) pode ser compreendida como a manutenção ou modulação dos vários componentes da experiência emocional (Gross & Thompson, 2007) e é considerada uma capacidade central para as relações interpessoais e para a saúde mental (Miguel, Giromini, Colombarolli, Zuanazzi, & Zennaro, 2016). Trata-se de um constructo de grande impacto, em múltiplas áreas da vida das pessoas, chegando a ser apontado como um dos campos teóricos de mais rápido crescimento dentro da Psicologia (Gross, 2015). Ao longo das últimas décadas, suscitou múltiplas investigações de diferentes perspectivas, como por exemplo, a psicofisiologia, psicologia cognitiva, desenvolvimental, social, clínica ou psicologia da saúde (Pinto, 2013; Vaz, 2009).

De modo geral, a RE é essencial para manter o equilíbrio do sujeito, permitir relações adaptadas e promover a saúde mental (Cruvinel & Boruchovitch, 2011). É notável o aumento no reconhecimento da importância da regulação das emoções para o desenvolvimento dos aspectos saudáveis do sujeito e isto vem resultando em no aumento do número de investigações sobre estratégias de regulação de emoções, as variáveis internas e externas que a influenciam, e seu efeito no desenvolvimento humano de forma global (Gross, 2008; Machado & Reverendo, 2012).

Peña-Sarrionandia, Mikolajczak e Gross (2015) afirmam que de modo geral há duas tradições de pesquisa relativamente independentes que abordam a regulação de emoções. A primeira concentra-se nos processos que permitem aos indivíduos influenciar as emoções que eles têm, quando os têm, e como eles experimentam e expressam essas emoções. A segunda é a tradição de inteligência emocional (IE), que enfoca, entre outras coisas, as diferenças individuais na RE.

Como exemplo da primeira tradição de pesquisas em RE encontra-se a teoria proposta por Gross (1998, 1999; 2002; 2008; 2015), a partir do Modelo Modal das Emoções. Para o

autor, uma emoção se dá em um contexto em que uma situação mobiliza a atenção de um indivíduo (contexto indivíduo-situação), que irá avaliá-la cognitivamente e gerar uma resposta (explícita ou implícita), mediante determinada circunstância. Nesse modelo, cada processo envolvido na eliciação de uma emoção (Situação, Atenção, Avaliação e Resposta) possibilita uma oportunidade de regulá-la: a escolha da situação, a modificação da situação, o redirecionamento da atenção, a reestruturação cognitiva e a modulação da resposta (Gross & Thompson, 2007).

Para Gross e Jazaieri (2014) é o objetivo da regulação emocional que determinará se a experiência emocional, expressão ou fisiologia deve ser aumentada, mantida ou diminuída em duração e/ou intensidade. Assim, uma vez que o objetivo da regulação da emoção tenha especificado os fins, as estratégias de regulação emocional especificam os meios que podem ser mais ou menos eficientes para alcançar a meta (Peña-Sarrionandia et al., 2015).

Os estudos característicos da segunda tradição de pesquisa em RE são oriundos da compreensão da IE. Para Mayer e Salovey (1997), a IE é composta por quatro habilidades, a saber: (1) percepção de emoções; (2) facilitação do pensamento; (3) compreensão de emoções; e a (4) regulação de emoções. Como a quarta e mais complexa habilidade, a RE é compreendida como o controle reflexivo de emoções para promover o crescimento emocional e intelectual, envolvendo habilidades como manter-se aberto aos sentimentos, ainda que eles sejam desagradáveis, conseguir se distanciar para refletir sobre suas próprias emoções, monitorá-las para reconhecer se estão influenciando positiva ou negativamente o comportamento e, finalmente, administrar as emoções em si mesmo e nos outros, seja moderando-as ou valorizando-as, sem reprimir nem exagerar as informações que elas transmitem (Mayer & Salovey, 1997; Mayer, Salovey, & Caruso, 2008). A partir desta abordagem se dá ênfase aos resultados da RE e não aos seus processos básicos, observando-se que os vários casos de RE não são totalmente independentes uns dos outros, mas os indivíduos mostram alguma consistência em seus hábitos de regulação (Peña-Sarrionandia et al., 2015; Ramzan & Amjad, 2017).

Seja por um método de estudo ou por outro, de alguma forma, a regulação de emoções precisa ser avaliada. Nesse sentido, um passo importante para a realização de pesquisas sobre o tema é a disponibilidade de instrumentos de medida com boas propriedades psicométricas

para medi-la. Gullone, Hughes, King e Tonge (2010), por exemplo, apontam que se faz necessário estudar e construir instrumentos de avaliação das estratégias de RE, para diferentes idades e populações. Alguns estudos sobre avaliação das estratégias de regulação de emoções já foram realizados tanto no contexto brasileiro quanto internacional.

Dentro da concepção da inteligência emocional, a regulação de emoções tem sido avaliada pelo *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT). Esse instrumento é composto por 8 seções nomeadas por letras de A a H, sendo que as seções D e H são destinadas à avaliação da regulação de emoções em si mesmo e em contextos de relacionamento, respectivamente (Mayer, Salovey & Caruso, 2002).

No MSCEIT, para avaliar a capacidade de regular emoções em si mesmo é apresentada uma situação conflituosa que gera um determinado sentimento no indivíduo. Em seguida, são apresentadas quatro reações comportamentais que o indivíduo poderia ter apresentado, e o respondente é solicitado a escolher entre cinco alternativas (de muito ineficaz até muito eficaz), para indicar o quão eficaz cada reação seria para manter ou melhorar o estado emocional gerado pela situação conflituosa inicial. No total, são apresentadas 5 situações, com 4 reações comportamentais possíveis para cada situação, perfazendo 20 itens. A capacidade de gerenciar as emoções decorrentes de relacionamentos é avaliada através da apresentação de situações conflituosas que envolvem o relacionamento entre duas ou mais pessoas, com geração de sentimento negativo. Em seguida, são apresentadas 3 possibilidades de reação por parte de quem experimentou o sentimento negativo, e o sujeito é solicitado a avaliar cada uma dessas reações e a registrar o quão eficaz (de muito ineficaz até muito eficaz) elas seriam para melhorar ou manter um bom relacionamento com o interlocutor. Nesta seção, são apresentadas três situações conflituosas, com três possibilidades de reação a cada uma delas, perfazendo um total de 9 itens (Mayer, Salovey & Caruso, 2002).

Todos os itens dessas seções do MSCEIT podem ser pontuados por concordância com o consenso, quando o respondente recebe pontos proporcionais ao número de pessoas que escolheram a mesma resposta que ele, ou por concordância com especialistas, quando o participante recebe um ponto quando sua resposta coincide com a escolhida como mais adequada por especialistas. Esses instrumentos apresentaram coeficientes alfa iguais a 0,69 e 0,64, respectivamente, para esses dois fatores de RE, quando pontuados por concordância

com o consenso; de 0,64 em ambos os fatores, quando pontuados por concordância com especialistas. A precisão da pontuação total em RE, englobando os itens das duas escalas, foram de 0,83 e de 0,81, respectivamente, para as pontuações por concordância com o consenso e com especialistas (Mayer, Salovey, Caruso & Sitarenios, 2003).

Outro instrumento existente é o *Emotion Regulation Profile* (ERP), proposto por Nelis, Quoidbach, Hansenne e Mikolajczak (2011), que trata-se de uma medida de diferenças individuais na regulação de emoções. O ERP é composto por cenários que descrevem diferentes tipos de situações que envolvem a ativação de emoções positivas e negativas, que são seguidos de oito possíveis reações ao evento, sendo quatro consideradas adaptativas e funcionais e quatro consideradas desadaptativas e disfuncionais. Em cada cenário, o respondente pode eleger quantas estratégias julgar necessárias para representar seu modo de agir na situação apresentada e a pontuação em cada cenário é calculada pela diferença entre o número de estratégias adaptativas e desadaptativas. Tanto em sua versão original (Nelis et al., 2011) como na versão em português, proposta para a população brasileira (Gondim et al., 2015), as análises indicaram uma estrutura bifatorial que aponta para a tendência dos indivíduos para agirem de modo adaptativo em termos de regulação emocional quando potencializam os benefícios das emoções positivas (uso de estratégias adaptativas – *up regulation*); e quando minimizam o impacto indesejado das emoções negativas (uso de estratégias funcionais – *down regulation*).

Gross e John (2003) desenvolveram o *Emotion Regulation Questionnaire* (ERQ) com dez itens, sendo seis deles para avaliar a estratégia de Reavaliação Cognitiva, como por exemplo: “Eu controlo as minhas emoções através da modificação do meu pensamento acerca da situação em que me encontro”; e os outros quatro para avaliar a estratégia de Supressão Emocional, como por exemplo: “Eu controlo as minhas emoções não as expressando”. As respostas são dadas por meio de uma escala do tipo Likert de 7 pontos, sendo que o número 1 corresponde a “discordo totalmente”, o 4 a “não concordo nem discordo”, e o número 7 corresponde a “concordo totalmente”. Os coeficientes *alpha* de Cronbach foram de 0,79 para a escala de Reavaliação Cognitiva e de 0,73 para a escala de Supressão Emocional. A fidelidade teste-reteste, com um intervalo de seis meses entre as duas aplicações, foi de 0,69 para ambas as escalas (Gross & John, 2003).

A *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (DERS) é uma escala muito utilizada que se propõe a avaliar os níveis típicos de dificuldades para regular as emoções nos indivíduos (Gratz & Roemer, 2004). É composta por 36 itens sendo distribuídos em 6 fatores: não aceitação da resposta emocional, dificuldades em iniciar comportamentos orientados para objetivos, dificuldades no controle dos impulsos, falta de consciência das emoções, acesso limitado a estratégias de regulação emocional e falta de clareza emocional. Possui tradução e adaptação para a população brasileira (Miguel et. al., 2016) e vem apresentando elevada consistência interna, boa precisão teste-reteste e validade preditiva e de constructo adequadas nos estudos em que é utilizada (Coutinho, Ribeiro, Ferreirinha, & Dias, 2010; Veloso, Gouveia & Dinis, 2011; Miguel et al., 2016).

Um instrumento construído no Brasil foi o Teste de Regulação de Emoções baseado numa tarefa de *Stroop* Emocional (TRE_*Stroop*), que propõe a mensuração da regulação de emoções por meio de uma tarefa de desempenho (Bueno, 2013). O instrumento foi construído com base na técnica do *Stroop* Emocional, em que uma tarefa cognitiva concorre com a interferência de conteúdos emocionais. O TRE_*Stroop* apresenta duas seções, uma em que o respondente deve nomear as cores de círculos coloridos que aparecem sobre imagens (com conteúdo afetivo ou neutro) e outra em que o respondente deve nomear as cores em que palavras (com conteúdo afetivo ou neutro) são escritas. No caso, as imagens e as palavras foram selecionadas, respectivamente, das normas brasileiras do *International Affective Picture System* (Lasaitis, Ribeiro, Freire & Bueno, 2008; Ribeiro, Pompéia & Bueno, 2004) e do *Affective Word System* (Kristensen, Gomes, Justo & Vieira, 2011). Os pontos sobre as imagens e as palavras aparecem equitativamente em quatro cores: amarelo, vermelho, verde e azul. Em ambos os tipos de estímulo haviam quinze itens de valência neutra, quinze com valência negativa associadas à emoção de ansiedade, quinze com valência negativa associadas à emoção de tristeza e quinze com valência positiva. O teste apresentou estrutura bifatorial relacionada ao tipo de estímulo (imagens ou palavras) com bons índices de consistência interna (0,789 e 0,780). No entanto, as correlações com medidas de traços de personalidade e raciocínio abstrato, foram não significativas (Bueno, 2013), dificultando a compreensão do que realmente o teste avalia.

Todos esses instrumentos contribuem para a avaliação da regulação de emoções, mas de formas diferentes. A ERQ e a DERS, por exemplo, são instrumentos de autorrelato, que, por essa característica, captam a opinião do respondente sobre seus comportamentos típicos relacionados com a regulação de emoções e não o seu desempenho propriamente dito. Esse tipo de instrumento costuma apresentar correlações mais elevadas com traços de personalidade do que com inteligência, embora haja evidências de validade incremental vis-à-vis os cinco grandes fatores para a predição de um grande número de variáveis critério (Petrides, 2017). O TRE_*Stroop* é um instrumento baseado na técnica do *Stroop* Emocional, em que a medida é de tempo, em milésimos de segundo, supondo-se que as pessoas que demoram mais para realizar uma tarefa cognitiva (como nomear cores, por exemplo) diante de um distrator emocional (uma palavra ou imagem), são as que regulam menos as emoções. No caso do TRE, não houve evidência em apoio a essa suposição. A ERP e o MSCEIT são instrumentos que avaliam a regulação de emoções por desempenho situacional, mas a ERP não é pontuada por acerto e erro, mas pela diferença entre escolhas de estratégias de regulação adaptativas e não adaptativas, em que se supõe que todas as estratégias disponíveis no teste apresentam o mesmo peso, grau de dificuldade ou impacto equivalente na vida das pessoas. Já o MSCEIT é um instrumento desenvolvido para o contexto cultural americano, que, apesar de ter sido traduzido para outras línguas e culturas, inclusive o português brasileiro, apresenta reduzidas informações sobre suas propriedades psicométricas nesse contexto e sua utilização apresenta um custo elevadíssimo para os padrões locais.

Por isso, o presente estudo objetivou a construção e avaliação das propriedades psicométricas do Teste de Regulação de Emoções, que foi construído com base na teoria psicoevolutiva das emoções (Plutchik, 2003) e o modelo de RE proposto por Gross (2008). Mais especificamente, pretendeu-se buscar evidências de validade com base na estrutura interna do instrumento (validade fatorial) e com base na relação com variáveis externas: indicadores psicopatológicos (excentricidade, instabilidade do humor, agressividade, autossacrifício e grandiosidade) e dados pessoais. Esperava-se encontrar uma solução unifatorial compatível com a habilidade geral de regular emoções, correlações negativas e significativas com uma medida autorrelato para triagem de transtornos de personalidade e efeitos significativos de sexo (em favor das mulheres) e escolaridade (em favor dos níveis superiores de educação) sobre as pontuações de regulação de emoções.

2.2 Método

Participantes

Participaram da pesquisa 289 indivíduos, com idades variando entre 18 e 63 anos ($M=30,45$; $DP=10,15$), sendo 208 mulheres (71,97%) e 81 homens (28,02%). A amostra foi composta predominantemente por participantes com nível superior de escolaridade (86,2%), solteiros (54,3%) e provenientes do estado de Pernambuco (77,9%).

Instrumentos

Para caracterização da amostra de participantes desta pesquisa, foi usado um Questionário Sociodemográfico, que coletou informações sobre idade, sexo, escolaridade e renda. E, para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, foram aplicados dois instrumentos, cujas características são descritas a seguir.

Teste de Regulação de Emoções

O desenvolvimento do Teste de Regulação de Emoções teve como base a teoria psicoevolutiva das emoções (Plutchik, 2003) e o conceito de RE proposto por Gross (2008). Realizou-se aqui a construção de um instrumento caracterizado como um teste de julgamento situacional (Ambiel, Campos, Alves & Silva, 2015), constituindo-se em uma prova para avaliar o julgamento dos participantes a respeito da adequação de soluções para situações que representam casos e desafios emocionais realistas (cenários). Esperava-se que o respondente fosse capaz de julgar a eficácia de cada comportamento apresentado em resposta à situação descrita numa vinheta, supondo-se que quanto melhor for o julgamento apresentado, melhor também será sua própria capacidade naquilo que estiver sendo avaliado pelo teste.

Para este instrumento foram compostos cenários que representassem caracteristicamente cada uma das oito emoções básicas propostas por Plutchik (2003). Portanto, há oito vinhetas, sendo uma para cada emoção básica: alegria, medo, tristeza, aceitação, raiva, surpresa, nojo e ansiedade. Para cada vinheta, foram apresentados três itens, representando diferentes opções de ação para regular as emoções. Tais itens, por sua vez, diferiam entre si quanto à eficácia para lidar com tais situações. Essas diferentes opções foram baseadas nas cinco estratégias de RE propostas por Gross (2008) (seleção da situação,

modificação da situação, redirecionamento da atenção, mudança cognitiva e modulação da resposta).

A vinheta para a emoção medo, por exemplo, foi construída desta forma: “Ana está voltando para casa mais tarde do que de costume. Ela está andando sozinha e sabe que na rua à sua frente já houve vários assaltos. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para Ana lidar com o que está sentindo”. Em seguida apresentavam-se as estratégias: (1) Tomar outro caminho considerado mais seguro, porém mais longo; (2) Pensar positivo e confiar que mesmo seguindo por esta rua chegará em casa segura e (3) Ficar parada à espera de que alguém a ajude. Era solicitado que os participantes avaliasse a eficácia de cada estratégia, por meio de uma escala Likert de cinco pontos, atribuindo 1 para estratégias muito ineficazes ou 5 para estratégias muito eficazes. Pontuações de 2, 3 ou 4 foram empregadas para representar graus intermediários de eficácia em relação aos valores extremos. Posteriormente, esses valores foram transformados em pontuações dicotômicas, em que o participante recebia um ou zero, conforme sua resposta concordasse ou não, respectivamente, com a resposta escolhida pelos participantes com maior média de *theta* (teoria de resposta ao item) (Lira & Bueno, manuscrito não publicado). Essa forma de pontuação foi sugerida para testes desse tipo por Bueno et al. (2009).

Inventário Dimensional Clínico da Personalidade-Triagem (IDCP-T)

O IDCP foi desenvolvido, no Brasil, por Carvalho e Primi (2011), baseando-se na teoria de Millon e nos critérios diagnósticos das categorias apresentadas no eixo II do DSM-IV-TR. Para este estudo foi utilizada sua versão triagem (IDCP-T) composta por 15 itens, que avalia as seguintes dimensões clínicas da personalidade: excentricidade, instabilidade do humor, agressividade, autossacrifício e grandiosidade (Carvalho, Pianowski, & Reis, submetido).

O instrumento apresenta afirmações do tipo “Costumo fazer coisas que não gosto para ajudar os outros”, que são avaliadas pelos respondentes por meio de uma escala do tipo Likert de quatro pontos, sendo que 1 corresponde a “não tem nada a ver comigo” e 4 a “tudo a ver comigo”. A pontuação de cada participante na escala é calculada pela somatória dos itens que predizem diretamente transtornos de personalidade menos a somatória dos itens que predizem transtornos de personalidade inversamente, podendo variar de 5 a 20 pontos (Carvalho et al.,

submetido).

A partir da aplicação do instrumento obtêm-se informações que discriminam a probabilidade de um diagnóstico positivo para pessoas com transtornos de personalidade e pessoas sem esse diagnóstico. Estudos mostraram que a versão de triagem do IDCP apresentou resultados satisfatórios, que sugerem precisão diagnóstica na identificação de pacientes com transtornos de personalidade, principalmente relacionados a desequilíbrios em relações interpessoais, experiência de angústia psicológica e autonegligência (Carvalho et al., submetido; Carvalho, no prelo).

Procedimentos

O presente estudo foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa, sob o CAAE nº 51159715.9.0000.5208. Os participantes desta pesquisa foram contatados pela internet, por e-mail ou redes sociais, esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa e, os que concordaram em participar, acessaram um link disponibilizado na mensagem-convite que conduziu à página da pesquisa. Ali, acessaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no formato indicado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e os instrumentos que fizeram parte da pesquisa. Os dados foram armazenados automaticamente em uma planilha eletrônica, que apenas os pesquisadores tinham acesso e posteriormente analisados estatisticamente.

Análise dos Dados

Para verificar a estrutura interna do TRE, foi empregada a técnica da análise fatorial exploratória, sendo formulada a hipótese de obtenção de uma estrutura unifatorial relacionada com a habilidade de regular emoções.

Para investigar a relação do TRE com indicadores de transtornos mentais, especialmente de personalidade, foi empregada a análise de correlação de Pearson, esperando-se encontrar um valor negativo e significativo entre as medidas. Além disso, empregou-se uma análise multivariada de variância para verificar o efeito de sexo e escolaridade sobre a regulação de emoções, controlando-se o efeito da idade. Neste caso, esperava-se a obtenção de efeitos significativos de ambas as variáveis, com as mulheres com pontuações significativamente mais elevadas que os homens, e os participantes com maior nível de

escolaridade com pontuações mais elevadas que os com menor nível de escolaridade.

2.3 Resultados

Foi realizada uma análise fatorial exploratória utilizando o método de extração *Weighted Least Squares Mean and Variance – Adjusted*, mais adequado para dados dicotômicos, com rotação *geomin*, implementada com auxílio do software MPlus 6.11. Foram extraídas soluções com 1, 2, 3 e 4 fatores, cujos índices de ajuste encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2.

Índices de ajuste dos fatores obtidos na Análise Fatorial Exploratória

	1 fator	2 fatores	3 fatores	4 fatores
RMSEA	0,044	0,025	0,021	0,012
CFI	0,866	0,961	0,974	0,992
TLI	0,853	0,953	0,966	0,988
SRMR	0,113	0,088	0,078	0,067

Nota. Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA); Comparative Fit Index (CFI); Tucker–Lewis Index (TLI); Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)

O ajuste do modelo foi avaliado utilizando os seguintes limiares: TLI e CFI superiores a 0,95; RMSEA inferior a 0,06 e SRMR inferior a 0,08 (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008; Kline, 2011). Nota-se que há uma grande melhora nos índices de ajuste da primeira para a segunda estrutura fatorial, mas pouca alteração nas estruturas subsequentes. Por isso, optou-se pela utilização da solução com dois fatores, cujas cargas fatoriais encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3.
Cargas fatoriais dos itens do TRE

Emoções	Itens	Fator 1	Fator 2
Alegria	I1	-0,238	0,538
	I2	0,253	0,540
	I3	0,671	-0,139
Medo	I4	0,727	0,021
	I5	0,238	0,193
	I6	0,042	0,186
Tristeza	I7	0,644	0,044
	I8	0,044	0,356
	I9	0,263	0,326
Aceitação	I10	-0,094	0,624
	I11	0,275	0,388
	I12	0,841	0,150
Raiva	I13	0,232	-0,057
	I14	0,608	0,100
	I15	0,080	0,736
Surpresa	I16	-0,085	0,513
	I17	0,481	0,253
	I18	0,068	0,584
Nojo	I19	0,390	0,144
	I20	-0,037	-0,086
	I21	0,221	0,401
Ansiedade	I22	0,692	-0,248
	I23	0,425	0,156
	I24	0,708	-0,052

Nota. As cargas fatoriais mais elevadas aparecem em negrito.

Apesar da expectativa de obtenção de uma solução unifatorial, foram obtidos fatores em função da estratégia utilizada para regular emoções ser eficaz (Fator 1) ou ineficaz (Fator

2). Os itens que compõem cada fator estão marcados em negrito na tabela. Foram eliminados os itens cujas cargas fatoriais ficaram inferiores a 0,3 (itens 5, 6, 13 e 20). No entanto, uma nova análise fatorial resultou em uma estrutura com a necessidade de se eliminar outros itens, o que comprometeria a representação das emoções no instrumento. Por isso, optou-se pela continuação das análises, a partir da estrutura fatorial encontrada na primeira análise, apenas com a eliminação dos itens 5, 6, 13 e 20.

As pontuações nos dois fatores encontrados foram calculadas com base no Modelo de Rasch da Teoria de Resposta ao Item (Lira & Bueno, manuscrito não publicado). A média de *theta* (habilidade dos participantes) no Fator 1 foi de 0,25, com um desvio padrão de 1,79, enquanto a média de *theta* no Fator 2 foi de 0,76 e o desvio padrão de 1,48. As consistências internas, medidas pelo Coeficiente de Kuder-Richardson, dos fatores 1 e 2 foram, respectivamente, de 0,75 e 0,62. As correlações entre os fatores do TRE e desses fatores com o IDCP são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4.

Correlação entre os fatores do TRE

		Fator 1	Fator 2
Fator 2	Correlação de Pearson	0,369**	
	N	289	
IDCP	Correlação de Pearson	0,009	0,035
	N	193	193

** . Correlação significativa ao nível de 0.01 (bi-caudal).

Houve correlação positiva e estatisticamente significativa entre os dois fatores de regulação de emoções, mas não desses com o indicador psicopatológico do IDCP. A seguir são apresentados os resultados da análise dos efeitos de sexo e escolaridade nos fatores de regulação de emoções, controlando-se a idade.

Tabela 5.
MANOVA do efeito de sexo e escolaridade, controlando-se a idade.

Fonte	Soma dos quadrados Tipo III	Gl	Média quadrada	F	Sig.	Tamanho do efeito
Intercepto	6,611	1	6,611	1,930	0,166	,007
Idade	20,766	1	20,766	6,061	0,014	,021
Escolaridade	27,772	2	13,886	4,053	0,018	,028
Sexo	47,321	1	47,321	13,812	<0,001	,047
Escolaridade*Sexo	5,794	2	2,897	0.846	,430	,006
Error	966,127	282	3,426			

Observa-se que houve efeito significativo de escolaridade e sexo, mas não houve efeito de interação entre essas duas variáveis categóricas. As Figuras 2 e 3 mostram as características dos efeitos observados.

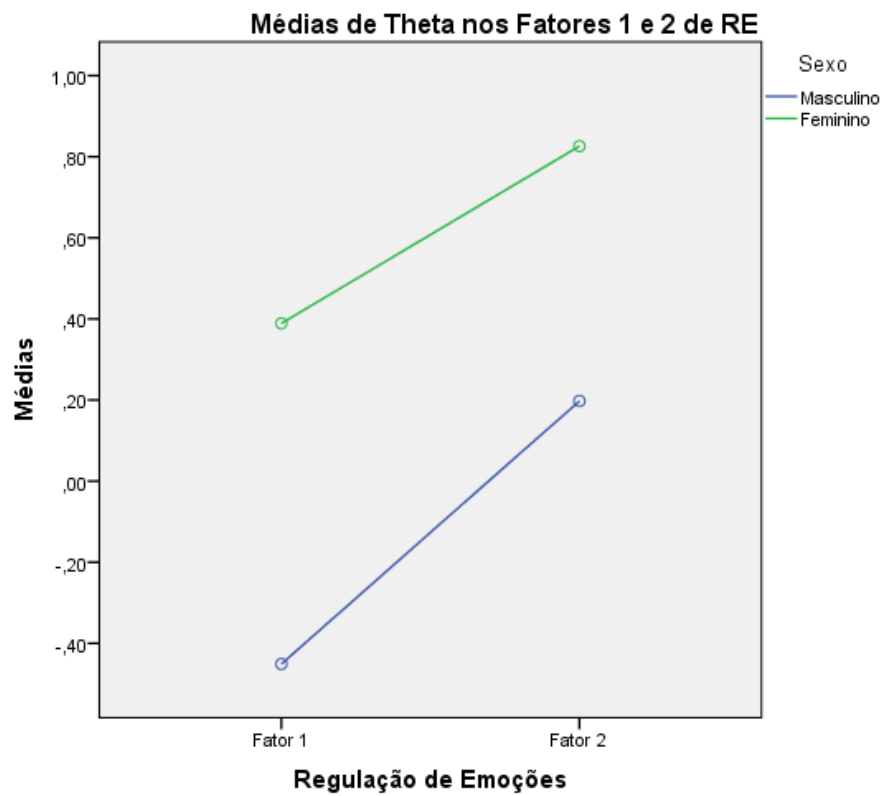


Figura 2 – Efeito de sexo nos fatores de regulação de emoções

Nota-se que em ambos os fatores o sexo feminino apresentou médias mais elevadas do que o sexo masculino e que as médias no Fator 2 foram mais elevadas que no Fator 1.

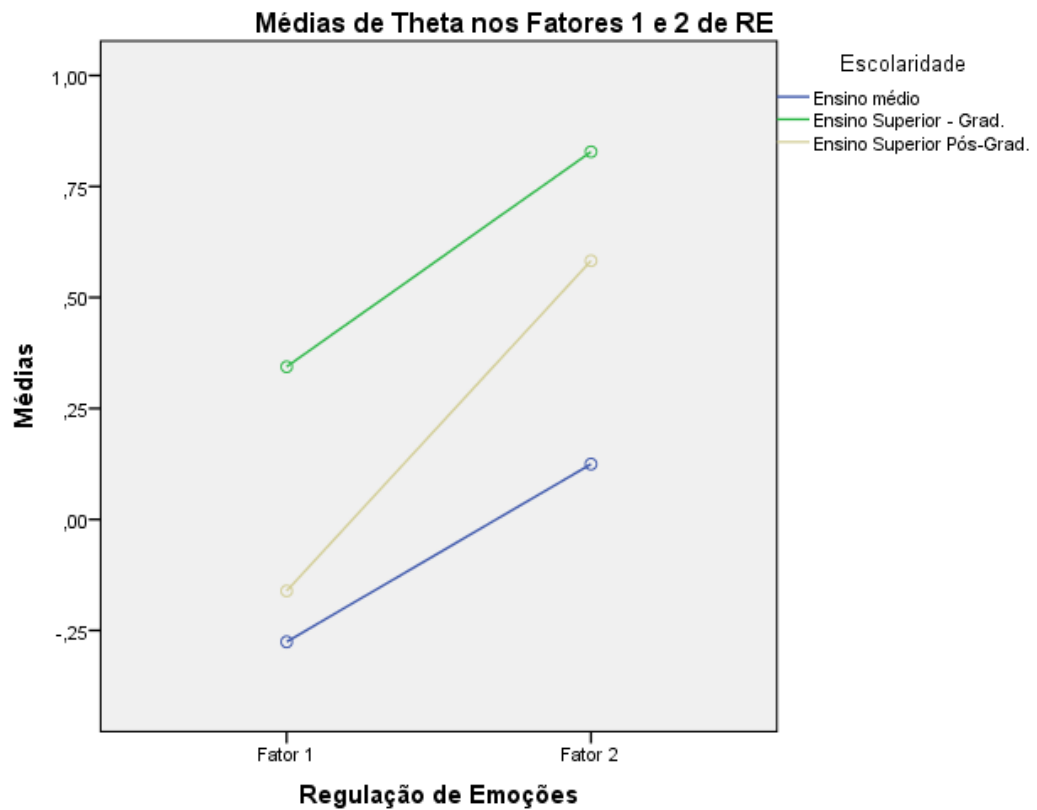


Figura 3 – Efeitos de escolaridade nos fatores de regulação de emoções

Nota-se que há uma tendência de aumento das pontuações em regulação de emoções conforme se caminha do ensino médio para o ensino superior. No entanto, os participantes com nível de pós-graduação apresentaram médias inferiores aos com nível de graduação. A Tabela 6 mostra as correlações entre os fatores de RE e idade.

Tabela 6.

Correlação entre os fatores do TRE e a idade

		Idade
Fator 1	Correlação de Pearson	0,097
	N	289
Fator 2	Correlação de Pearson	0,152**
	N	289

** Correlação significativa ao nível de $p \leq 0.01$

Observa-se que o Fator 2 apresenta correlação positiva e estatisticamente significativa com a idade, embora a magnitude seja baixa.

2.4 Discussão

O presente estudo teve como objetivo construir e avaliar as propriedades psicométricas de um Teste de Regulação de Emoções. Mais especificamente, buscou-se evidências de validade baseadas na estrutura interna e na relação com outras variáveis.

Na investigação da estrutura interna, esperava-se a obtenção de uma estrutura unifatorial, relacionada com a habilidade geral de regular emoções. No entanto, o resultado da análise fatorial apontou uma estrutura bifatorial, sugerindo que dois processos mentais estão relacionados com a regulação de emoções: o de detectar que uma estratégia é eficaz (Fator 1) e o de detectar que uma estratégia não é eficaz (Fator 2) pra regular emoções. E a correlação baixa entre os dois fatores sugere que detectar que uma estratégia não é eficaz para lidar com

uma emoção, não necessariamente implica que a pessoa sabe qual é a estratégia mais eficaz a ser utilizada.

Naragon-Gainey, McMahon e Chacko (2017) afirmam ser plausível que os usos habituais de estratégias inadaptadas específicas sejam intercorrelacionados, assim como os usos habituais de estratégias adaptativas. Os autores sugerem que o modelo de estratégias de RE poderia ser consistente com duas estruturas: um modelo de fator único (como era o esperado neste trabalho) em que supostamente as estratégias eficazes apresentariam carga positiva e as ineficazes carga negativa; ou dois fatores, como de fato foi encontrado aqui, um para estratégias eficazes e outro para estratégias ineficazes. O primeiro implicaria que as pessoas que frequentemente usam estratégias adaptativas também usam poucas vezes estratégias inadequadas, enquanto que o segundo indicaria um maior grau de independência entre o uso de estratégias eficazes e ineficazes (Naragon-Gainey, McMahon, & Chacko, 2017).

A estrutura em dois fatores, conforme encontrada neste trabalho, não foi captada pelos testes de inteligência emocional, como os do MSCEIT, por exemplo, até porque, até onde se conseguiu levantar, não há estudos com o MSCEIT empregando análise fatorial exploratória. Nesse teste, os itens são computados em fatores mais por seu conteúdo do que por evidência baseada em estrutura interna. O suporte estatístico vem apenas de coeficientes de consistência interna (coeficientes alfa de *Cronbach*) (Mayer, Salovey & Caruso, 2002). Assim, os resultados obtidos no presente estudo, constituem-se em uma contribuição teórica deste estudo, que, no entanto, ainda precisa que ser confirmada e mais amplamente explorada em estudos futuros.

O estudo de Gondim et al. (2015) também encontrou uma estrutura bifatorial na análise dos componentes principais do instrumento ERP. No entanto estes resultados não estavam relacionados à eficácia das estratégias, mas aos cenários que ativavam emoções positivas (alegria, admiração, orgulho e contentamento) ou negativas (tristeza, ciúme, medo, culpa e raiva). Bueno et al. (2015) também encontraram mais de um fator relacionado com a regulação de emoções, num Inventário de Competências Emocionais. Nesse caso, foram encontrados três fatores: regulação emocional em outras pessoas, regulação em si mesmo de emoções de alta potência e regulação em si mesmo de emoções de baixa potência. Assim, os resultados obtidos neste estudo, assim como resultados de estudos anteriores, parecem sugerir que a regulação de emoções seja um conjunto de habilidades distintas, mas correlacionadas entre si. Isso mostra também, a importância de se ter uma variedade instrumentos para medir o mesmo construto, pois eles acabam captando diferentes aspectos, que contribuem não apenas para a avaliação desse construto, mas para sua própria compreensão teórica.

Pode-se dizer, portanto, que o TRE é válido para avaliação da capacidade de regular emoções. Mais especificamente, das capacidades de detectar se uma estratégia de regulação de emoções é eficaz (Fator 1) ou não é eficaz (Fator 2). Estes resultados podem ser relevantes para uma melhor compreensão das competências que devem ser enfatizadas, por exemplo, visando à redução do uso de estratégias de RE desadaptativas (ineficazes) e/ou aumentando o uso de estratégias adaptativas (eficazes) coerentemente com a situação em que estas surjam (Conklin et. al., 2015).

Neste estudo também se buscou relações entre o TRE e indicadores psicopatológicos de transtornos de personalidades através do IDCP-T. Diferentemente do esperado, não foram encontradas correlações entre as variáveis, tal como encontrado em outros estudos. A DERS,

por exemplo, mostrou fortes correlações com os fatores do IDCP (Miguel et al., 2016) e com o Inventário Breve de Sintomas, uma medida de autorrelato que avalia a sintomatologia psiquiátrica geral (Coutinho et al., 2010). De fato, pesquisas anteriores com uso de medidas de autorrelato de IE já sugeriram que os transtornos de personalidade e outros transtornos psicológicos estariam associados a uma menor capacidade de regular emoções (Aldao et al., 2010; Glenn & Klonsky, 2009; Gratz & Roemer, 2004).

No entanto, também há estudos em que essa relação não foi encontrada. Pesquisadores encontraram que pacientes com transtorno de personalidade *Borderline* não apresentaram comprometimento das habilidades da IE (inclusive na subescala “regulação emocional” do MSCEIT), no entanto relatam graves deficiências na RE, utilizando a escala DERS (Beblo et al., 2010). Questionando-se por que estes pacientes relatam graves problemas com a regulação emocional e, no entanto, mostram um desempenho intacto na habilidade da IE os autores perceberam que uma das variáveis a que isso pode estar associado é o fato de que instrumentos de autorrelato (como a escala DERS) focalizam o comportamento autopercebido na vida cotidiana, já os testes como os do MSCEIT e os do presente estudo, são baseados no desempenho do respondente em itens em que há uma resposta considerada mais adequada do que as outras. Os testes de desempenho tendem a captar diferenças individuais em uma habilidade mais básica, enquanto os testes de autorrelato tendem a captar os efeitos concomitantes que um determinado processo mental desencadeia nos comportamentos. Esses dois tipos de medidas costumam apresentar correlações baixas entre si, como indicam estudos anteriores no campo do processamento de informações emocionais (Zeidner, Roberts & Matthews, 2008).

Seguindo a mesma lógica, outros testes que avaliam habilidades emocionais, também apresentaram correlações baixas e não significativas com medidas de autorrelato. Um bom exemplo é o estudo de Miguel, Finoto e Miras (2013), no qual o IDCP também não se correlacionou com o Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias. Os autores apontam para a independência de constructos entre inteligência emocional (desta vez sendo avaliada por meio da habilidade de percepção de emoções) e traços de personalidade. Além disso, o IDCP-T é um instrumento reduzido para detecção de sintomas psicopatológicos e o melhor seria investigar essa relação diretamente com pacientes com diferentes diagnósticos psicopatológicos em relação aos sem esse tipo de diagnóstico (controle).

A análise do TRE em relação às características pessoais mostrou um melhor desempenho das mulheres em relação aos homens, tal como em estudos anteriores sobre IE (Bueno et al., 2006), constituindo-se num resultado que pode ser usado como evidência de validade para o este instrumento. O estudo de Nolen-Hoeksema & Aldao (2011) também captou estas diferenças de gênero a favor das mulheres, indicando que elas relatam usar uma ampla gama de estratégias de RE a mais que os homens, como por exemplo, ruminação, reavaliação, resolução de problemas, aceitação e suporte social.

Também foi encontrado efeito de escolaridade, mesmo quando a idade foi controlada, mostrando a importância da educação e das experiências ambientais para o desenvolvimento dessa habilidade. Outros estudos também encontraram uma tendência geral de aumentar a regulação adaptativa das emoções conforme a idade e escolarização (Blanchard-Fields, 2007; Zimmermann & Iwanski; 2014). Para Gross e Urry (2010) com o avanço da idade, adultos conseguiriam selecionar e otimizar determinados processos de regulação emocional para

compensar as mudanças nos recursos internos e externos, como as perdas funcionais advindas do envelhecimento.

Este trabalho se constitui num estudo inicial sobre as propriedades psicométricas do Teste de Regulação de Emoções. Embora seus resultados tenham sido encorajadores, outros estudos são necessários para formar uma massa de resultados mais ampla, que permita a derivação de conclusões mais consistentes. Além disso, o estudo apresenta limitações importantes, como a restrição da amostra a participantes predominantemente do estado de Pernambuco e, mais especificamente, da região metropolitana do Recife, restringindo o poder de generalização dos resultados para outras regiões do país. Outra limitação é a predominância de participantes do sexo feminino e de escolaridade elevada, que podem ter facilitado a obtenção de bons resultados psicométricos, já que coloca o instrumento em condições mais favoráveis para o seu entendimento e resolução.

Apesar dessas limitações, este estudo contribui para o desenvolvimento do conhecimento sobre regulação de emoções ao apresentar um instrumento brasileiro, com boas propriedades psicométricas, para avaliação da capacidade de regular emoções. Seu uso possibilitará a investigação da participação dessa habilidade em diversos outros campos, como a educação, o relacionamento amoroso, os transtornos mentais, etc. Além disso, os resultados obtidos sugeriram a necessidade de se pensar a regulação de emoções como um processo complexo, que envolve diferentes tipos de processamento da informação e que também terão que ser melhor investigados em estudos futuros.

Referências

Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30(2), 217-237.

Ambiel, R. A. M., Campos, M. I. D., Alves, B. D. P., & Silva, C. P. (2015). Fundamentos e aplicabilidade dos Testes de Julgamento Situacional no contexto da Psicologia Organizacional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 15(3), 298-308.

Beblo, T., Pastuszak, A., Griepentstroh, J., Fernando, S., Driessen, M., Schütz, A., ... & Schlosser, N. (2010). Self-reported emotional dysregulation but no impairment of emotional intelligence in borderline personality disorder: an explorative study. *The Journal of nervous and mental disease*, 198(5), 385-388.

Blanchard-Fields, F. (2007). Everyday problem solving and emotion: An adult developmental perspective. *Current Directions in Psychological Science*, 16(1), 26-31.

Bueno, J. M. H., Correia, F. M. de L., Abacar, M., Gomes, Y. de A., & Pereira Jr., F. S. (2015). Competências emocionais: estudo de validação de um instrumento de medida. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 153-163. DOI: 10.15689/ap.2015.1401.17

Bueno, J. M. H., Miguel, F. K., Primi, R., Muniz, M., Couto, G., & Noronha, A. P. P.. (2009). Comparação entre dois sistemas de pontuação para o teste informatizado de percepção de emoções em fotos. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 26(1), 35-44. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100004>

Bueno, J. M. H., Santana, P. R., Zerbini, J., & Ramalho, T. B. (2006). Inteligência

emocional em estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 305-316.
<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722006000300007>

Carvalho, L. F. (no prelo). External validity study of a personality disorders screening in a community sample. *Archives of Clinical Psychiatry*.

Carvalho, L. F., Pianowski, G., & Reis, A. (submetido). Development and diagnostic accuracy of the screening of the Dimensional Clinical Personality Inventory – screening version. *Psicologia ciência e profissão*.

Carvalho, L. F., & Primi, R. (2011). *Inventário Dimensional Clínico da Personalidade*. Manuscrito não publicado, Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil.

Coutinho, J., Ribeiro, E., Ferreirinha, R., & Dias, P. (2010). Versão portuguesa da escala de dificuldades de regulação emocional e sua relação com sintomas psicopatológicos. *Rev Psiq Clín*, 37(4), 145-51.

Cruvinel, M., & Boruchovitch, E. (2010). Regulação emocional: a construção de um instrumento e resultados iniciais. *Psicologia em Estudo*, 15(3), 537-545.

Garnefski, N., Teerds, J., Kraaij, V., Legerstee, J., & van den Kommer, T. (2004). Cognitive emotion regulation strategies and depressive symptoms: Differences between males and females. *Personality and Individual Differences*, 36(2), 267-276.

Gondim, S. M. G., Pereira, C., Hirschle, A. L. T., Palma, E. M. S., Alberton, G. D., Paranhos, J., & Ribeiro, W. (2015). Evidências de validação de uma medida de características pessoais de regulação das emoções. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28(4), 659-667.

Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation

and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of psychopathology and behavioral assessment*, 26(1), 41-54.

Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: an integrative review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271-299.

Gross, J. J. (1999). Emotion regulation: Past, present and future. *Cognition & Emotion*, 13, 551-573.

Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: affective, cognitive and social consequences. 115. *Psychophysiology*, 39, 281-291.

Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), *Handbook of emotions* (3th ed., pp.497-512). New York: Guilford Press.

Gross, J. J. (2015). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological Inquiry*, 26(1), 1-26.

Gross, J. J., & Jazaieri, H. (2014). Emotion, emotion regulation, and psychopathology an affective science perspective. *Clinical Psychological Science*, 2(4), 387-401.

Gross, J. J. & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348-362. doi: 10.1037/0022-3514.85.2.348.

Gross, J., & Thompson, R. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3-24). New York: Guilford Press.

Gullone, E., Hughes, E. K., King, N. J., & Tonge, B. (2010). The normative development

of emotion regulation strategy use in children and adolescents: a 2-year follow-up study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(5), 567-574.

Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. *Articles*, 2.

Kristensen, C. H., Gomes, C. F. de A., Justo, A. R., & Vieira, K. (2011). Normas brasileiras para o Affective Norms for English Words. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 33(3), 135-146.

Lira, C. & Bueno, J. M. H. (manuscrito não publicado). Teste de Regulação de Emoções: Análise com a Teoria de Resposta ao Item.

Lasaitis, C., Ribeiro, R. L., Freire, M. V., & Bueno, O. F. A. (2008). Atualização das normas brasileiras para o International Affective Picture System (IAPS), *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 30(3), 230-235.

Machado, T. S., & Reverendo, I. M. (2012). Regulação emocional em adolescentes (ERICA): estudo da relação com a percepção da aceitação-rejeição materna. In L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J. C. Silva, & V. Monteiro (Eds.), *Actas - 12º Colóquio Psicologia Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento: Olhares contemporâneos através da Investigação e da prática* (pp.1596-1610). Lisboa: ISPA.

Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence* (pp. 3–31). New York: Basic Books.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2002). *Mayer-Salovey-Caruso Emotional*

Intelligence Test (MSCEIT) user's manual. Toronto, Canada: MHS.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2008). Emotional intelligence: new ability or eclectic traits? *American psychologist*, 63(6), 503.

Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D. R., & Sitarenios, G. (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V2.0. *Emotion*, 3(1), 97.

Miguel, F. K., Giromini, L., Colombarolli, M. S., Zuanazzi, A. C., & Zennaro, A. (2016). A Brazilian Investigation of the 36- and 16- Item Difficulties in Emotion Regulation Scales. *Journal of clinical psychology*.

Miguel, F. K., Finoto, B. A. S., & Miras, B. D. (2015). Percepção emocional e traços de personalidade: Estudo de validade divergente. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(24), 107-120.

Mikels, J. A., Fredrickson, B. L., Larkin, G. R., Lindberg, C. M., Maglio, S. J., & Reuter-Lorenz, P. A. (2005). Emotional category data on images from the International Affective Picture System. *Behavior research methods*, 37(4), 626-630.

Naragon-Gainey, K., McMahon, T. P. & Chacko, T. P. (2017). The structure of common emotion regulation strategies: A meta-analytic examination. *Psychological Bulletin*, 143, 384 – 427.

Nelis, D., Quoidbach, J., Hansenne, M., & Mikolajczak, M. (2011). Measuring individual differences in emotion regulation: The emotion regulation profile-revised (ERP-R). *Psychologica Belgica*, 51(1).

Peña-Sarrionandia, A., Mikolajczak, M., & Gross, J. J. (2015). Integrating emotion

regulation and emotional intelligence traditions: a meta-analysis. *Frontiers in psychology*, 6, 160.

Petrides, K. V. (2017). Emotional Intelligence, in: *Reference Module in Neuroscience and Biobehavioral Psychology*, 1–6. <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-809324-5.05601-7>

Pinto, A. M. D. S. F. (2013). *Processos emocionais, suporte social e psicopatologia nos doentes em tratamento paliativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto.

Plutchik, R. (2003). *Emotions and Life: Perspectives from Psychology, Biology and Evolution*. Washington, DC: American Psychological Association.

Ramzan, N., & Amjad, N. (2017). Cross Cultural Variation in Emotion Regulation: A Systematic Review. *Annals of King Edward Medical University*, 23(1).

Ribeiro, R. L., Pompéia, S., & Bueno, O. F. A. (2004). Normas brasileiras para o International Affective Picture System (IAPS): Comunicação breve, *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(2), 190-194.

Vaz, F. J. M. (2009). *Diferenciação e regulação emocional na idade adulta: tradução e validação de dois Instrumentos de avaliação para a população Portuguesa* (Tese de Mestrado). Minho: Instituto de Educação e Psicologia.

Veloso, M., Gouveia, J. P., & Dinis, A. (2011). Estudos de validação com a versão portuguesa da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE). *Psychologica*, (54), p-87.

Zeidner, M.; Roberts, R. D. & Matthews, G. (2008). The Science of Emotional Intelligence: Current Consensus and Controversies, *European Psychologist*, 13(1), 64–78.

<http://dx.doi.org/10.1027/1016-9040.13.1.64>.

Zimmermann, P., & Iwanski, A. (2014). Emotion regulation from early adolescence to emerging adulthood and middle adulthood: Age differences, gender differences, and emotion-specific developmental variations. *International Journal of Behavioral Development*, 38(2), 182-194.

3 ESTUDO II - TESTE DE REGULAÇÃO DE EMOÇÕES: ANÁLISE COM A TEORIA DE RESPOSTA AO ITEM

3.1 Introdução

Inteligência e emoção são temas que despertam interesse tanto fora, quanto dentro do meio acadêmico. Analisar esses termos, bem como sua interação, facilita a compreensão do que hoje é entendido como inteligência emocional (IE) (Mayer & Salovey, 1997; Primi, 2003).

A primeira definição acadêmica de IE baseia-se na ideia de que as emoções contêm informações sobre os relacionamentos do organismo com o meio e que, por isso, reconhecer tais significados, raciocinar sobre eles e utilizar essa informação para orientar o comportamento levaria a ações mais inteligentes de adaptação ao meio (Salovey & Mayer, 1990; Mayer & Salovey, 1997). Nesse modelo, a IE é composta por quatro habilidades, a saber: (1) percepção, avaliação e expressão da emoção (percepção de emoções); (2) a emoção como facilitadora do pensamento (facilitação do pensamento); (3) compreensão e análise de emoções (compreensão de emoções); (4) controle reflexivo de emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (regulação de emoções) (Mayer & Salovey, 1997; Mayer, Salovey, & Caruso, 2008).

A regulação emocional (RE), objeto deste estudo, é uma das habilidades relacionadas com a inteligência emocional, ganhando força como campo de estudo a partir dos anos 90, quando teve sua compreensão ampliada por Gross (1998, 1999, 2002, 2008, 2015; Gross &

Thompson, 2007). Esse autor a define como um conjunto de processos pelos quais os indivíduos (consciente ou inconscientemente) modificam a trajetória de um ou mais componentes de uma resposta emocional (Gross, Sheppes, & Urry, 2011). Esses componentes são as reações fisiológicas, os processos cognitivos e os comportamentos associados a uma emoção.

Gross (1998, 2008) afirma que uma emoção se dá em um contexto indivíduo-situação, que mobiliza a atenção, provocando uma avaliação cognitiva da situação, que, posteriormente, gera uma resposta, comportamental ou não. O processamento cognitivo ocupa papel de destaque nesse modelo, que prevê cinco oportunidades, durante o processo de eliciação de uma emoção, para o seu controle: a escolha da situação, a modificação da situação, o redirecionamento da atenção, a reestruturação cognitiva e a modulação da resposta (Gross, 2008).

Para Gross (2002), algumas competências fundamentais para uma boa regulação emocional envolvem ser capaz de diferenciar as emoções, compreender a sua função e refletir sobre elas. Isto permitiria aos indivíduos decidir o que querem expressar ou suprimir. Em linha com essa proposta, alguns pesquisadores consideram que cada emoção requer o emprego de diferentes estratégias de regulação ou de enfrentamento (Cruvinel & Boruchovitch, 2010).

Com a emergência do conceito de regulação de emoções, a emoção deixou de ser um fenômeno experienciado passivamente para ressaltar o papel ativo do indivíduo para regulá-la, por meio de diferentes estratégias. Quando um campo de pesquisa emerge mais consistentemente, um dos primeiros problemas a serem enfrentados é o do desenvolvimento de instrumentos com boas propriedades psicométricas, que sejam capazes de captar diferenças

individuais no construto de interesse. No campo da regulação de emoções, alguns instrumentos já foram construídos para avaliação desse construto, tanto por autorrelato quanto por desempenho.

O *Emotion Regulation Questionnaire* (ERQ) (Gross & John, 2003) e a *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (DERS) (Gratz & Roemer, 2004; Miguel et al., 2016) são exemplos de instrumentos de autorrelato, enquanto o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (Mayer, Salovey & Caruso, 2002), o *Emotion Regulation Profile* (Gondim et al., 2015; Nelis, Quoidbach, Hansenne e Mikolajczak, 2011), o Teste de Regulação de Emoções pelo *Stroop* Emocional (Bueno, 2013) e o Teste de Regulação de Emoções (Lira & Bueno, manuscrito não publicado) são exemplos de instrumentos para a avaliação da regulação de emoções por desempenho. Considerando a importância do desenvolvimento contínuo de pesquisas para compreender e melhorar as propriedades psicométricas dos instrumentos de avaliação psicológica, este estudo foca na utilização da Teoria de Resposta ao Item para desenvolvimento do Teste de Regulação de Emoções (Lira & Bueno, manuscrito não publicado).

Para a construção desse instrumento foram compostos cenários, operacionalizados em vinhetas, nas quais um personagem experimentava uma das oito emoções básicas propostas por Plutchik (2003): alegria, tristeza, raiva, medo, nojo, aceitação e surpresa. A vinheta para a emoção surpresa, por exemplo, foi apresentada desta maneira: “Ricardo está andando no centro da cidade quando se depara com uma pessoa nua, se comportando de forma estranha” (Lira & Bueno, manuscrito não publicado). A seguir, para cada uma das oito vinhetas foram apresentados três itens, representando diferentes opções de ação para regular as emoções. Essas opções estão baseadas nas estratégias de RE propostas por Gross (2008) (seleção da

situação, modificação da situação, redirecionamento da atenção, mudança cognitiva e modulação da resposta), em concordância com as sequências naturais de cada emoção previstas por Plutchik (2003). Por exemplo, para a surpresa, Plutchik (2003) sugere que a sequência de eliciação para esta emoção seria: (1) a ocorrência de um evento inesperado – no caso deste instrumento: deparar-se num local incomum com uma pessoa nua agindo estranhamente; (2) questionar-se quanto à natureza do evento; (3) apresentar o estado emocional (surpreender-se); (4) um provável comportamento observável seria a interrupção do que se está fazendo; (5) objetivando ganho de tempo para orientação.

Desta maneira era possível solicitar ao participante que julgasse a eficácia de cada comportamento apresentado para lidar com a situação. Assim, esse instrumento pode ser caracterizado como um teste de julgamento situacional (Ambiel, Campos, Alves & Silva, 2015), no qual se pressupõe que quanto melhor for o julgamento apresentado pelo participante, melhor também será sua própria capacidade naquilo que está sendo avaliado pelo teste – no caso, sua capacidade para regular as emoções.

Os itens apresentados aos sujeitos são operacionalizações das estratégias de RE propostas por Gross (2015) ou nenhuma delas (situação de não regulação), respeitando o tipo de resposta comportamental descrita por Plutchik (2003) para cada emoção. Por isso, na vinheta da emoção surpresa, os itens apresentados para serem julgados pelos participantes foram: (1) Repreender a pessoa por seu comportamento inadequado (não regulação); (2) Se perguntar se aquela pessoa está bem e procurar ajuda entre os passantes (reestruturação cognitiva); (3) Desviar seu caminho para não se aproximar da pessoa (modificação da situação). Em seguida, os participantes foram instruídos a utilizar uma escala Likert de cinco pontos para avaliar a

efetividade de cada estratégia, atribuído 1 para estratégias muito ineficazes ou 5 para estratégias muito eficazes. Pontuações de 2, 3 ou 4 poderiam ser empregadas para representar efetividades intermediárias aos valores extremos.

A própria autora e o um professor-pesquisador com experiência em avaliação da inteligência emocional, elaboraram as histórias e os itens que compõem o TRE. Uma primeira versão do instrumento foi avaliada pela banca de qualificação do projeto de mestrado que deu origem a este trabalho, em seguida novamente o instrumento foi revisado e discutido quanto à adequação teórica e prática em um grupo de estudo de avaliação psicológica, formado por estudantes de pós-graduação e graduação envolvidos com pesquisas e avaliação psicológica de habilidades relacionadas à inteligência emocional, como a regulação de emoções. A partir dessas discussões, os autores incorporaram as modificações – adequação e clareza das vinhetas às respectivas emoções, melhorias na oferta de estratégias de RE e ajustes na escala de pontuação – e finalizaram esta versão, informatizando o instrumento para que fosse realizada a coleta de dados.

Uma análise fatorial exploratória revelou uma estrutura bifatorial, em que os itens se distribuíram pelos fatores em função da estratégia utilizada para regular emoções ser eficaz (fator 1) ou ineficaz (fator 2). Esses fatores apresentaram bons índices de consistência interna, medidas pelo coeficiente de Kuder-Richardson, apresentaram correlação positiva e significativa, porém de baixa magnitude, entre si, efeito de sexo em favor das mulheres e de escolaridade em favor dos níveis mais altos de educação, mesmo controlando-se o efeito da idade (Lira & Bueno, manuscrito não publicado).

Essa investigação foi conduzida com base na Teoria Clássica dos Testes, que apresenta

limitações importantes em relação à moderna Teoria de Resposta ao Item (TRI) (Embretson, 1996). Por isso, este estudo teve como objetivo analisar as propriedades psicométricas do TRE com base na Teoria de Resposta ao Item, que possibilita um conhecimento mais aprofundado sobre o funcionamento dos itens do instrumento. Empregou-se o Modelo de Rasch da TRI, com o objetivo de investigar os seguintes aspectos: (a) ajustamento geral dos itens ao modelo da TRI (*infit e outfit*); (b) consistência interna; (c) análise das estatísticas descritivas dos sujeitos (*theta*) e dos itens (b); (d) análise do critério de atribuição de pontos por concordância com especialistas; (e) análise da distribuição dos itens e do traço latente (mapa de itens).

3.2 Método

Participantes

Para realização desta análise foi utilizada uma amostra de 289 sujeitos. Os participantes eram predominantemente (71,97%) do sexo feminino, com idades entre 18 e 63 anos (Média = 30,45; DP = 10,15), em sua maioria com nível superior de escolaridade (86,2%) e provenientes do estado de Pernambuco (77,9%).

Instrumentos

Neste estudo, foram empregados o Teste de Regulação de Emoções, descrito anteriormente, e um questionário sociodemográfico, que recolheu informações para caracterização da amostra. Ambos foram implantados numa plataforma informatizada,

disponível em www.neap.psi.br (Rodrigues, 2016).

Procedimentos

Os participantes foram contatados pela internet, por e-mail ou redes sociais, esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa e, os que concordaram em participar, acessaram um link disponibilizado na mensagem-convite que conduziu à página da pesquisa (www.neap.psi.br). Ali, acessaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), o questionário sociodemográfico e o Teste de Regulação de Emoções. Os dados foram armazenados automaticamente em uma planilha eletrônica, que apenas os pesquisadores tinham acesso e posteriormente analisados estatisticamente. Destaca-se ainda, que o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (protocolo CAAE 51159715.9.0000.5208), seguindo todas as normas recomendadas pelo Conselho Nacional de Saúde, segundo a Resolução 466/12.

Análise de dados

Neste trabalho, os dados foram analisados com auxílio do Modelo de Rasch da TRI, que é uma técnica de modelagem matemática, que procura relacionar a dificuldade dos itens com a habilidade das pessoas. A ideia é que se a dificuldade do item estiver abaixo da habilidade da pessoa, a maior probabilidade será de que ela acerte a resposta; do contrário, a maior probabilidade será que ela erre. Nesse modelo, a dificuldade dos itens é representada pela letra *b* e a habilidade das pessoas pela letra grega *theta* (Θ) (Pasquali & Primi, 2003).

A análise de dados deste trabalho foi realizada com auxílio do software Winsteps

Versão 3.69.1.6 (Linacre & Wright, 2009). Por ser uma técnica de modelagem matemática, a primeira análise a ser realizada é do ajustamento dos dados ao modelo da TRI, que neste software é dado pelos índices de *infit* e *outfit*, cujos valores entre 0,50 e 1,50 são indicativos de um bom ajustamento (Linacre, 2002). Também foram calculadas as estatísticas descritivas dos itens (*b*) e dos sujeitos (*theta*), e os índices de fidedignidade dos fatores, que deve ser superior a 0,7 (Cunha, De Almeida Neto, & Stackfleth, 2016).

As estatísticas descritivas dos itens foram empregadas para duas finalidades: 1) checar a pertinência das respostas consideradas corretas no sistema de pontuação por concordância com especialistas (ver Bueno et al., 2009), 2) analisar a adequação do nível de dificuldade dos itens para o nível de habilidade dos sujeitos, e 3) analisar o traço latente. As últimas duas análises também foram facilitadas pela inspeção visual do mapa de itens e pessoas, que traça um paralelo entre a distribuição dos itens e das pessoas ao longo do contínuo de habilidade no construto avaliado (para um exemplo sobre o procedimento, ver Nakano et al., 2015).

3.3 Resultados

Com vistas a alcançar os objetivos propostos, as análises foram realizadas por fator respeitando o pressuposto da unidimensionalidade da TRI (Vitoria, Almeida & Primi, 2006). Assim, primeiro são apresentados os resultados do Fator 1, relacionado à detecção de estratégias eficazes ou adaptativas, e, posteriormente, os dados do Fator 2, relacionado à detecção de estratégias ineficazes ou desadaptativas.

No fator 1, a média de *infit* foi de 0,99 (DP= 0,06) e os valores variaram de 0,91 a 1,07; enquanto a média de *outfit* foi de 0,99 (DP=0,20), e os valores variaram de 0,55 a 1,23.

A média de *theta* foi 0,25 (DP=1,79) e a precisão do fator, calculada pela TRI, foi de 0,69 (real) e de 0,72 (modelada). As estatísticas descritivas dos itens do Fator 1 são apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7.

Estatísticas Descritivas por Item do Fator 1

Item	Respostas	Escore	N sujeitos	% sujeitos	Média Theta	Erro Padrão Média	Correlação Item-Total
19	2	0	27	9	-0.49	.31	-0.13
	4	0	69	24	-0.45	.21	-0.22
	1	0	41	14	-0.09	.26	-0.08
	3	0	69	24	-0.07	.21	-0.10
	5	1	83	29	1.53	.15	0.45
23	2	0	49	17	-0.67	.28	-0.23
	3	0	74	26	-0.47	.20	-0.24
	4	0	44	15	-0.44	.21	-0.17
	5	0	29	10	.76	.19	.09
	1	1	93	32	1.49	.14	.47
22	3	0	48	17	-0.91	.27	-0.29
	4	0	76	26	-0.66	.18	-0.31
	2	0	21	7	-0.42	.37	-0.11
	1	0	16	6	.63	.50	.05
	5	1	128	44	1.30	.11	.52
14	2	0	16	6	-1.17	.47	-0.19
	3	0	51	18	-0.75	.24	-0.26
	4	0	71	25	-0.61	.17	-0.27
	1	0	19	7	-0.42	.48	-0.10
	5	1	132	46	1.38	.10	.57
17	2	0	19	7	-1.18	.27	-0.21
	3	0	48	17	-0.76	.28	-0.25
	1	0	11	4	-0.53	.88	-0.09
	4	0	78	27	-0.42	.15	-0.23
	5	1	133	46	1.28	.11	.53
7	2	0	13	4	-2.18	.52	-0.30
	3	0	42	15	-0.97	.27	-0.28
	1	0	10	3	-0.85	.54	-0.12
	4	0	84	29	-0.44	.16	-0.25
	5	1	140	48	1.34	.10	.59
4	2	0	1	0	-2.90		-0.10
	3	0	25	9	-1.74	.33	-0.34
	4	0	73	25	-1.07	.20	-0.43
	1	0	2	1	-0.86	.95	-0.05
	5	1	188	65	1.06	.09	.62
3	3	0	14	5	-2.24	.52	-0.31
	2	0	1	0	-1.81		-0.07
	4	0	67	23	-1.17	.21	-0.44
	1	0	2	1	.95	.86	.03
	5	1	205	71	.89*	.09	.56
24	2	0	5	2	-1.84	.80	-0.16
	4	0	54	19	-1.61	.22	-0.50
	1	0	4	1	-1.22	1.46	-0.10
	3	0	21	7	-0.67	.41	-0.14
	5	1	205	71	.92	.09	.58
12	3	0	11	4	-3.30	.35	-0.39
	2	0	1	0	-2.90		-0.10
	4	0	21	7	-2.44	.39	-0.42
	5	1	256	89	.64	.09	.60

Nota. *A média não ascende com a pontuação da categoria

A análise dos dados da Tabela 7 permite confirmar ou reajustar as pontuações por concordância com especialistas. Nota-se que em quase todos os itens do Fator 1 a resposta considerada correta por especialistas (recebe valor 1 na coluna *escore*), realmente foi escolhida pelos participantes com maior média de *theta*. A exceção foi o item 3, que apresentou uma inversão. No entanto, a inversão se deve a apenas dois participantes, que optaram, incorretamente, pela alternativa 1 ao invés da 5, constituindo-se num número muito reduzido de participantes com erro padrão da média muito elevado (0,86). Por isso, a resposta correta deste item foi mantida na alternativa 5.

Para investigar a relação entre a intensidade do conhecimento das estratégias eficazes (Fator 1) de RE avaliada pelos itens do instrumento e a apresentada pelos participantes da investigação foi empregada a análise do mapa pessoas-item, cujos resultados encontram-se na Figura 4.

Nota-se que as médias dos itens (centrada em zero, por padrão do software) e dos participantes ($M=0,25$; $DP=1,79$) estão próximas e os itens estão distribuídos ao longo de uma boa extensão do contínuo de habilidade em regulação de emoções. No entanto, provavelmente devido ao baixo número de itens, há lacunas neste contínuo indicando que seria interessante acrescentar novos itens para preenchê-las.

A análise do traço latente do Fator 1 foi realizada com base na avaliação do conteúdo das situações (vinhetas) e das respostas comportamentais apresentadas nos itens. Esses dados foram organizados na Tabela 8.

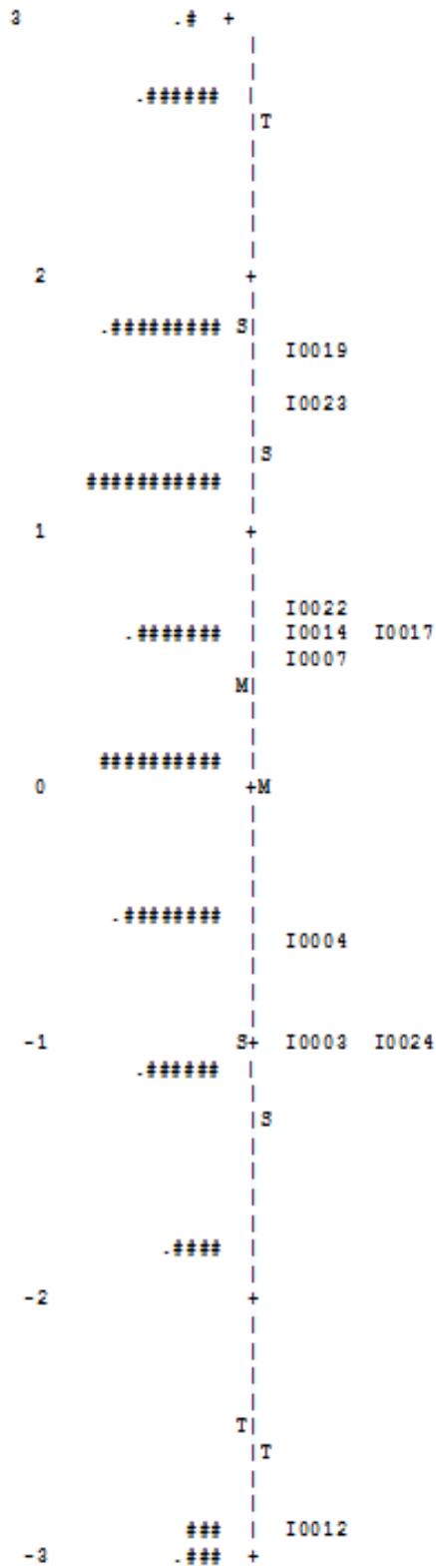


Figura 4. Mapa pessoas-itens do fator 1 do TRE

Nota. Legenda: cada “#” equivale a 4 pessoas e “.” de 1 a 3 pessoas.

Tabela 8.

Análise do Traço Latente do Fator 1

Item – Emoção	Situação	Estratégia de RE	<i>b</i>	Conteúdo
19	Nojo da comida num jantar na casa de uma amiga	Dizer de uma forma gentil que a comida não lhe agrada.	1.69	Situações de risco, de sobrevivência (perda de amizade e perda da vaga), que requerem controle imediato (pressão). As estratégias são difíceis de serem implementadas.
23	Ansiedade na hora da entrevista de almejado emprego.	Ver alguma coisa no celular para distrair.	1.46	
22	Ansiedade na hora da entrevista de almejado emprego	Controlar a expressão do comportamento, dando a impressão de tranquilidade.	.71	
14	Raiva de torcedores estrangeiros que venceram a partida e provocam os perdedores	Pensar em algum aspecto positivo do jogo e aplaudir os jogadores de sua seleção pelo empenho.	.62	Nesse bloco de itens, as situações são emocionais, mas cai o risco relacionado à sobrevivência (pressão), ou porque há mais tempo para controlar a emoção (caso da tristeza, por exemplo) ou porque os interlocutores estão distantes (raiva) ou são desconhecidos (surpresa). Há mais tempo para que as estratégias sejam implementadas.
17	Surpresa ao se deparar com uma pessoa andando nua no centro da cidade	Se perguntar se aquela pessoa está bem e procurar ajuda entre os passantes.	.60	
7	Tristeza pela perda de um filho.	Pensar que tem outros filhos e se dedicar a eles.	.46	
4	Medo de andar sozinha em uma rua onde houve assaltos.	Tomar outro caminho considerado mais seguro, porém mais longo.	-0.58	Nesse bloco de itens, a pressão é baixa no momento da emoção (exceto para a situação de ansiedade), as soluções são mais óbvias e fáceis de serem implementadas.
3	Manter a alegria de um ótimo dia de trabalho ao pegar um engarrafamento	Ligar o som e tentar relaxar.	-1.00	
24	Ansiedade na hora da entrevista de almejado emprego.	Pensar em características a respeito de si mesmo, que são compatíveis com o cargo.	-1.00	
12	Amor pelo filho que chora e não quer ficar no primeiro dia de aula.	Pensar no quanto esse enfrentamento é importante para a autonomia do filho e combinar de conversar como ele sobre o seu dia na escola.	-2.95	

Para facilitar a análise dos dados da Tabela 8, agrupou-se os itens em três blocos, pela semelhança de seus níveis de dificuldade, conforme se observa no mapa de itens (Figura 4). Os itens 19 e 23 formam o bloco dos mais difíceis; os itens 7, 14, 17 e 22 formam o bloco de dificuldade intermediária e os itens 3, 4, 12 e 24 formam o bloco dos mais fáceis. Nota-se que a dificuldade dos itens aumenta conforme sobe o nível de ameaça e pressão que a situação/emoção exerce sobre o sujeito, o que torna mais difícil a detecção de uma estratégia eficaz de controle.

O mesmo processo de análise foi empregado para a análise do Fator 2, relacionado à detecção de estratégias ineficazes ou desadaptativas de regulação de emoções. Em relação ao ajustamento geral dos itens, observa-se que a média de *infit* foi de 0,99 (DP= 0,08) e os valores variaram de 0,80 a 1,08; enquanto a média de *outfit* foi de 0,96 (DP=0,16), e os valores variaram de 0,65 a 1,17. A média de *theta* foi 0,76 (DP=1,48) e a precisão do Fator 2, calculada pela TRI, foi de 0,56 (real) e de 0,60 (modelada). As estatísticas descritivas dos itens do Fator 2 são apresentadas na Tabela 8.

De forma similar ao procedimento realizado anteriormente, os dados da Tabela 8 foram analisados para confirmar ou reajustar as pontuações por concordância com especialistas. Em todos os itens a resposta considerada correta (por especialistas) foi também escolhida pelos participantes com maior nível de habilidade (média de *theta*). A relação entre a distribuição e média dos itens e das pessoas pode ser observada na Figura 5.

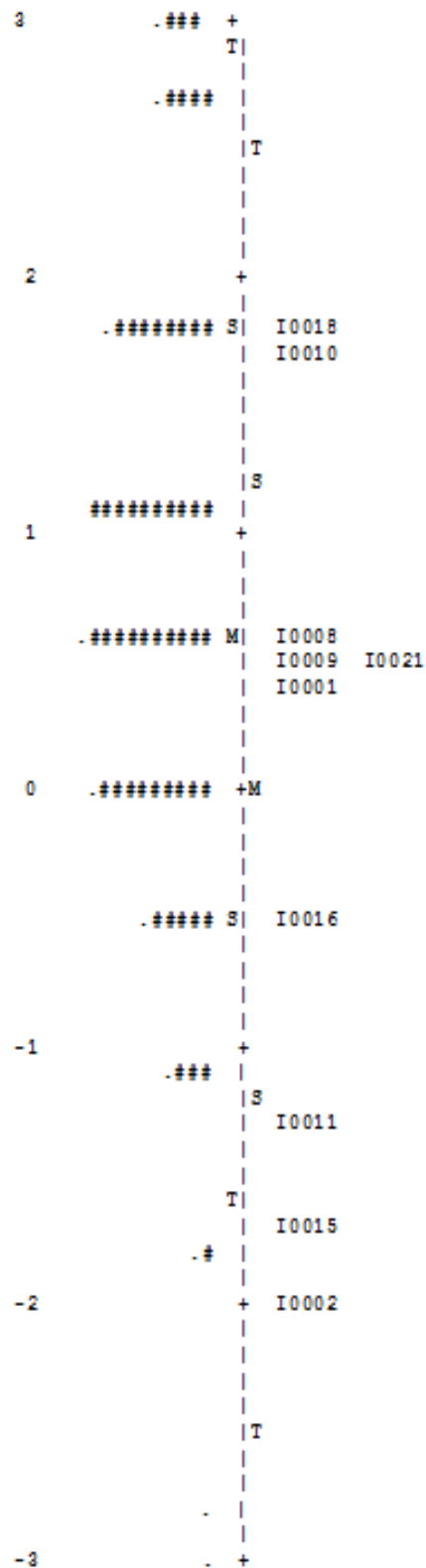


Figura 5. Mapa Pessoas-Itens do Fator 2 do TRE

Nota. Legenda: Cada “#” equivale a 5 pessoas e “.” de 1 a 4 pessoas.

Tabela 9.

Estatísticas Descritivas por Item do Fator 2

Item	Respostas	Escore	N sujeitos	% sujeitos	Média Theta	Erro Padrão Média	Correlação Item-Total
18	4	0	34	12	-0.44	.24	-0.30
	5	0	34	12	.31	.23	-0.11
	3	0	69	24	.32	.13	-0.17
	2	0	58	20	.35	.14	-0.14
	1	1	94	33	1.94	.13	.55
10	4	0	27	9	-0.27	.27	-0.22
	3	0	82	28	.12	.13	-0.27
	2	0	62	21	.31	.15	-0.16
	5	0	19	7	.77	.18	.00
	1	1	99	34	1.85	.14	.53
8	4	0	21	7	-0.32	.30	-0.20
	3	0	48	17	-0.08	.24	-0.25
	2	0	58	20	.19	.11	-0.19
	5	0	7	2	1.01	.25	.03
	1	1	155	54	1.37	.11	.44
9	4	0	7	2	-0.51	.83	-0.14
	2	0	68	24	.02	.15	-0.28
	3	0	45	16	.04	.19	-0.21
	5	0	12	4	.35	.35	-0.06
	1	1	157	54	1.38	.11	0.45
21	2	0	45	16	-0.22	.21	-0.28
	3	0	41	14	-0.10	.21	-0.24
	4	0	26	9	.10	.20	-0.14
	5	0	17	6	.41	.28	-0.06
	1	1	160	55	1.40	.10	.48
1	4	0	16	6	-0.69	.39	-0.24
	5	0	14	5	-0.54	.49	-0.20
	3	0	38	13	.14	.17	-0.16
	2	0	59	20	.19	.14	-0.20
	1	1	162	56	1.37	.11	.46
16	4	0	11	4	-1.49	.46	-0.30
	5	0	2	1	-1.18	2.98	-0.11
	3	0	27	9	-0.11	.26	-0.19
	2	0	43	15	-0.03	.17	-0.22
	1	1	206	71	1.18	.09	.45
11	3	0	14	5	-1,29	.52	-0.31
	4	0	2	1	-0.82	.30	-0.09
	2	0	32	11	-0.31	.22	-0.26
	5	0	3	1	-0.16	.68	-0.06
	1	1	238	82	1.05	.09	.42
15	4	0	5	2	-2.02	.95	-0.25
	3	0	8	3	-1.58	.58	-0.27
	5	0	3	1	-1.35	.23	-0.15
	2	0	23	8	-0.82	.26	-0.31
	1	1	250	87	1.06	.08	.51
12	4	0	3	1	-2.95	1.21	-0.26
	3	0	8	3	-1.89	.63	-.30
	5	0	1	0	-0.52		-0.05
	2	0	20	7	-0.52	.20	-0.24
	1	1	257	89	.99	.08	.44

Na Figura 5 apresenta-se o mapa pessoas-itens do Fator 2 do TRE. Igualmente pode-se perceber que as médias dos itens e dos participantes estão relativamente próximas e onde há maior número de sujeitos há também um maior número de itens. Além disso, os itens também se apresentam distribuídos ao longo de uma boa extensão do contínuo de habilidade em regulação de emoções.

Tabela 10.

Análise do Traço Latente do Fator 2

Item	Situação	Estratégia de RE	<i>b</i>	Conteúdo
18	Surpresa ao se deparar com uma pessoa andando nua no centro da cidade	Desviar seu caminho para não se aproximar da pessoa.	1.77	Situações complexas, ambíguas, que requerem sensibilidade para com o outro versus indiferença. Ser indiferente é mais fácil e provavelmente mais frequente, mas reprovável socialmente.
10	Amor pelo filho que chora e não quer ficar no primeiro dia de aula.	Sair sem olhar para trás, para não sofrer com o choro do filho.	1.66	
8	Tristeza pela perda de um filho	Chorar, dando-se conta de que se sentirá muito sozinha.	.56	
9	Tristeza pela perda de um filho	Dormir (ou comer), evitando pensar em seus sentimentos.	.52	Aqui a situação também envolve o conflito sensibilidade vs indiferença, porém, como a outra pessoa é estimada afetivamente, é mais fácil detectar a ineficácia da ação. O uso de estratégia evitativa também é comum a esses itens.
21	Nojo da comida num jantar na casa de uma amiga	Dar uma desculpa e ir embora.	.47	
1	Medo de andar sozinha em uma rua onde houve assaltos.	Lamentar não ter ido por outro caminho.	.43	
16	Surpresa ao se deparar com uma pessoa andando nua no centro da cidade	Repreender a pessoa por seu comportamento inadequado.	- 0.45	As respostas são de não regulação completa, a pessoa se deixa levar pela emoção. Portanto, são claramente ineficazes para lidar com as situações apresentadas.
11	Amor pelo filho que chora e não quer ficar no primeiro dia de aula.	Abraçar o filho e o levar de volta para casa.	- 1.28	
15	Raiva de torcedores estrangeiros que venceram a partida e provocam os perdedores	Responder às provocações adversárias.	- 1.69	
2	Manter a alegria de um ótimo dia de trabalho ao pegar um engarrafamento	Ficar buzinando.	- 1.99	

Os itens 18 e 10 envolvem uma relação. O 21 também tem essa característica. Juntamente com os itens 8 e 9 apresentam situações em que a pessoa tenta ignorar o problema ou “descontar” em outras coisas.

A partir do 1 são itens que apresentam “não-regulação”. Os itens 1 e 16 apresentam mudança na emoção para pior. Os itens 11, 15 e 2 apresentam uma intensificação da emoção negativa – aconteceram eventos externos que desencadearam a raiva, por exemplo.

De forma similar à análise dos itens do Fator 1, na Tabela 10 os itens do Fator 2 foram agrupados pela proximidade de seus níveis de dificuldade, conforme se observa no mapa de itens (Figura 5). Os itens 10 e 18 formam o bloco dos mais difíceis; os itens 1, 8, 9, 16 e 21 formam o bloco de dificuldade intermediária e os itens 2, 11, 15 e 16 formam o bloco dos mais fáceis. A situação mais fácil de ser detectada como ineficaz é aquela em que não há regulação, mas uma reação motivada pela emoção. Em seguida vêm as situações em que há uma estratégia, mas essa estratégia resolve a situação, mas o problema permanece. Nas situações mais difíceis, a estratégia poderia até ser eficaz, mas não leva em consideração todos os envolvidos na situação, podendo ser uma estratégia frequente, mas socialmente inadequada.

3.4 Discussão

O primeiro objetivo deste trabalho era investigar o ajustamento dos dados ao modelo de Rasch da TRI, usando para isto os índices de *infit* e *outfit* fornecido pelo *Winsteps*. De acordo com os resultados houve ajuste para ambos os fatores do TRE, indicando que os dados

podem ser considerados adequados para a modelagem com a TRI e que as análises subsequentes poderiam ser realizadas.

Os índices de fidedignidade foram mais consistentes para o Fator 1 do que para o Fator 2. Na TRI, é esperado que a fidedignidade de um teste varie ao longo do contínuo de habilidade do construto, ao contrário da Teoria Clássica dos Testes, em que se supõe que a precisão é constante em todos os itens do instrumento (Embretson, 1996). Assim, os índices de fidedignidade do TRE indicam que o Fator 2 produz informações confiáveis numa faixa de *theta* bem mais estreita do que a faixa de informações confiáveis do Fator 1. Consequentemente, é mais provável a ocorrência de erros de medida na estimação dos escores (*thetas*) do Fator 2 do que do Fator 1. Isso significa que sujeitos com alta habilidade estão errando itens fáceis e/ou sujeitos com baixa habilidade estão acertando itens difíceis. Recomenda-se portanto a revisão dos critérios de pontuação dos itens. Melhorando a estimação da habilidade dos sujeitos busca-se uma maneira confiável de predizer seus acertos e erros nos itens a fim de adequar a utilização do instrumento em novas pesquisas.

Com base na análise das estatísticas descritivas de ambos os fatores, observou-se que houve pouca diferença entre a média dos sujeitos e a média dos itens, com os itens sendo ligeiramente mais fáceis para as pessoas. Essa discrepância foi um pouco maior no Fator 2 do que no Fator 1. A análise dos mapas de itens mostra, no entanto, que em ambos os fatores os itens se estendem ao longo do contínuo de habilidade havendo uma quantidade razoável de itens na região central, onde também se concentra a maior parte dos escores das pessoas. Há itens para discriminar diferentes habilidades, justamente onde há mais escores, mas também nas regiões extremas. No entanto, também ocorreram lacunas (falta de itens) em determinadas regiões de habilidade, em ambos os fatores, sugerindo a necessidade do desenvolvimento de

mais itens para preenchê-las.

A análise do traço latente mostrou que os itens tendem a ficar mais difíceis, conforme aumenta a complexidade da relação situação-resposta. Koole, Webb e Sheeran (2015) já haviam indicado que a escolha de uma estratégia de RE não é uma tarefa fácil, dado que as pessoas podem escolher entre muitos diferentes tipos de estratégias e, para complicar ainda mais a questão, a adaptabilidade das estratégias não é fixa, mas varia de acordo com as circunstâncias.

Assim, no TRE as situações que envolvem um objetivo importante para a pessoa envolvida, como uma situação de emprego ou manter uma amizade, tendem a dificultar a identificação de uma estratégia eficaz/adaptativa, mas conforme essa complexidade cai (por não envolver relacionamento, ou por envolver um relacionamento com pessoas desconhecidas ou distantes), a dificuldade em se detectar uma resposta eficaz/adaptativa cai.

Outro estudo já havia apontado que em muitas situações cotidianas as pessoas lidam com ambientes dinâmicos e imprevisíveis que dificultam a deliberação sobre como elas irão regular suas emoções (Koole, Webb e Sheeran, 2015). Assim, a implementação mais variável e positiva de estratégias eficazes pode ser função de uma avaliação mais flexível da variação contextual (Aldao & Nolen-Hoeksema, 2012).

De forma semelhante, a dificuldade de detecção de uma resposta ineficaz/desadaptativa aumenta em situações em que uma resposta culturalmente aceita, é considerada ineficaz por não levar em consideração os aspectos sociais da situação, especialmente o outro. É nessas situações, que a regulação de emoções pode fazer diferença, pois, enquanto a maioria das pessoas age com indiferença, aquela que consegue identificar a indiferença como ineficaz, talvez possa buscar estratégias mais elaboradas para lidar com

situações cotidianas. Essas características mostram a importância social da habilidade de regular emoções, e como ela pode fazer diferença exatamente em situações adversas ou inusitadas, que a maioria das pessoas tende a evitar. Esses dados estão em acordo com a proposta de Aldao e Nolen-Hoeksema (2012), que afirmam que as intervenções devem se concentrar em ajudar os indivíduos a desenvolver uma consciência das características dos contextos que influenciam o uso de estratégias de RE e aprender a implementar estratégias de forma flexível e adequadas para o contexto.

O conhecimento de como os itens de regulação de emoções aumentam ou diminuem de dificuldade auxilia na reflexão sobre intervenções a serem propostas, tendo implicações tanto para a prática do psicólogo, quanto para a pesquisa em avaliação psicológica. No âmbito da prática profissional, esse resultado sugere como a habilidade de regular emoções se desenvolve, permitindo que o psicólogo intervenha para desenvolver as estratégias mais eficazes e a capacidade de detectar estratégias ineficazes de regulação emocional. Do ponto de vista da avaliação psicológica, esse dado mostra como se pode interferir na dificuldade dos itens, facilitando o desenvolvimento de novos itens para preenchimento das lacunas detectadas em certas regiões do contínuo de habilidades.

3.5 Considerações finais

Este trabalho se propôs a investigar as propriedades psicométricas do Teste de Regulação de Emoções com auxílio do modelo de Rasch da Teoria de Resposta ao Item e os resultados apresentam contribuições importantes. No entanto, certas características da amostra de participantes deste estudo, podem limitar a amplitude das generalizações dos resultados obtidos. Por exemplo, a amostra é composta predominantemente por pessoas com nível de

escolaridade superior, do sexo feminino e do estado de Pernambuco, sugerindo a necessidade de se investigar, por exemplo, se os mesmos resultados aqui obtidos se manteriam com amostras mais diversificadas e equilibradas quanto à representatividade populacional.

Apesar disso, os dados levantados neste estudo apontam que o desenvolvimento do TRE deve se dar em dois pontos principais: na melhoria da precisão do instrumento e no preenchimento de lacunas no contínuo de habilidades avaliadas pelo teste. Além disso, a análise do traço latente fornece subsídios sobre como proceder para atingir esses objetivos, além de contribuir para a compreensão teórica e desenvolvimental da habilidade de regular emoções.

Referências

- Ambiel, R. A. M., Campos, M. I. D., Alves, B. D. P., & Silva, C. P. (2015). Fundamentos e aplicabilidade dos Testes de Julgamento Situacional no contexto da Psicologia Organizacional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 15(3), 298-308.
- Bueno, J. M. H. (2013). Construção e validação de um instrumento para avaliação da regulação emocional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 186-200.
- Bueno, J. M. H., Miguel, F. K., Primi, R., Muniz, M., Couto, G. , & Noronha, A. P. P. (2009). Comparação entre dois sistemas de pontuação para o teste informatizado de percepção de emoções em fotos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(1), 35-44.
<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100004>
- Cunha, C. M., de Almeida Neto, O. P., & Stackfleth, R. S. (2016). Principais métodos de avaliação psicométrica da confiabilidade de instrumentos de medida. *Revista de Atenção à Saúde (antiga Rev. Bras. Ciên. Saúde)*, 14(49), 98-103.
- Cruvinel, Miriam, & Boruchovitch, Evely. (2010). Regulação emocional: a construção de um instrumento e resultados iniciais. *Psicologia em Estudo*, 15(3), 537-545.
- Embretson, S. E. (1996). The New Rules of Measurement, *Psychological Assessment*, 8(4), 341-349.
- Gondim, S. M. G., Pereira, C., Hirschle, A. L. T., Palma, E. M. S., Alberton, G. D., Paranhos, J., & Ribeiro, W. (2015). Evidências de validação de uma medida de características pessoais de regulação das emoções. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28(4), 659-667.

Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of psychopathology and behavioral assessment*, 26(1), 41-54.

Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: an integrative review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271-299.

Gross, J. J. (1999). Emotion regulation: Past, present and future. *Cognition & Emotion*, 13, 551-573.

Gross, J.J. (2002). Emotion regulation: affective, cognitive and social consequences. 115. *Psychophysiology*, 39, 281-291.

Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), *Handbook of emotions* (3th ed., pp.497-512). New York: Guilford Press.

Gross, J. J. (2015). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological Inquiry*, 26(1), 1-26.

Gross, J. J. & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348-362. doi: 10.1037/0022-3514.85.2.348.

Gross, J., & Thompson, R. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3-24). New York: Guilford Press.

Gross, J. J., Sheppes, G., & Urry, H. L. (2011). Emotion generation and emotion regulation: a distinction we should make (carefully). *Cognition and Emotion*, 25, 765–781.

Linacre, J. M. (2002). What do Infit and Outfit, meansquare and standardized mean? *Rasch Measurement Transactions*, 16, 878.

Koole, S. L., Webb, T. L., & Sheeran, P. L. (2015). Implicit emotion regulation: feeling better without knowing why. *Current opinion in psychology*, 3, 6-10.

Linacre, J. M., & Wright, B. D. (2009). WINSTEPS: Multiple-choice, rating scale, and partial credit Rasch analysis [Computer software]. Chicago: MESA.

Lira, C. & Bueno, J. M. H. (manuscrito não publicado). Construção e Busca de Evidências de Validade para o Teste de Regulação de Emoções.

Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence* (pp. 3–31). New York: Basic Books.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2002). *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) user's manual*. Toronto, Canada: MHS.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2008). Emotional intelligence: new ability or eclectic traits? *American psychologist*, 63(6), 503. Miguel et al., 2016

Nakano, T. C., Primi, R., Abreu, I. C. C., Gozzoli, M. Z., Caporossi, D. C., Miliani, A. F. M., & Martins, A. A. (2015). Bateria para avaliação das altas habilidades/superdotação: análise dos itens via Teoria de Resposta ao Item. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(4), 729-741. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000400016>

Nelis, D., Quoidbach, J., Hansenne, M., & Mikolajczak, M. (2011). Measuring individual differences in emotion regulation: The emotion regulation profile-revised (ERP-

R). *Psychologica Belgica*, 51(1).

Plutchik, R. (2003). *Emotions and life: Perspectives from psychology, biology, and evolution*. American Psychological Association.

Pasquali, L., & Primi, R. (2003). Fundamentos da teoria da resposta ao item: TRI. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 99-110.

Primi, R. (2003). Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação psicológica*, 2(1), 67-77.

Rodrigues, T. P. F. (2016). *Informatização e busca de evidências de validade para instrumentos de avaliação da inteligência emocional*, Relatório Final de Atividades de Iniciação Científica (UFPE, PIBIC, CNPq), Universidade Federal de Pernambuco.

Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition, and Personality*, 9, 185-211.

Vitória, F., Almeida, L. S., & Primi, R. (2006). Unidimensionalidade em testes psicológicos: conceito, estratégias e dificuldades na sua avaliação. *Psic: revista da Vetor Editora*, 7(1), 01-07.

4 CONCLUSÃO

Diante da importância da realização de estudos na área da avaliação da Inteligência Emocional, e mais especificamente, da habilidade de regular as emoções, o presente estudo teve por objetivo construir e avaliar as propriedades psicométricas do Teste de Regulação de Emoções (TRE). O TRE apresenta como base a teoria psicoevolutiva das emoções e o modelo processual de regulação emocional proposto por James Gross. Trata-se de um teste de desempenho que se propõe a avaliar o conhecimento acerca da utilização de estratégias para regular as emoções.

Por meio da busca de evidências de validade com base na estrutura interna do TRE (validade fatorial) e com base em sua relação com variáveis externas (indicadores psicopatológicos e dados pessoais) apresenta-se aqui um estudo inicial sobre as propriedades psicométricas do instrumento. O instrumento apresentou uma estrutura bifatorial em função da estratégia utilizada para regular emoções ser eficaz ou ineficaz. Embora o TRE tenha apresentado bons resultados, outros estudos são necessários para conclusões mais consistentes.

Com a análise do instrumento a partir da Teoria de Resposta ao Item foi possível obter algumas informações importantes para a melhoria do TRE. Além disso, observou-se que os itens apresentaram a tendência de ficar mais difíceis conforme aumentava a complexidade da relação situação-resposta. Como foi verificado que ocorreram lacunas (falta de itens) em determinadas regiões de habilidade, em ambos os fatores, aponta-se a necessidade do

desenvolvimento de mais itens para preenchê-las, além da revisão dos critérios de pontuação dos itens.

Este estudo apresenta algumas características, como uma amostra restrita composta predominantemente por pessoas com nível de escolaridade superior, do sexo feminino e do estado de Pernambuco, que podem limitar a amplitude das generalizações dos resultados obtidos. No entanto, contribui para o desenvolvimento do conhecimento sobre regulação de emoções ao apresentar um instrumento brasileiro, com boas propriedades psicométricas, para avaliação da capacidade de regular emoções.

Além disso, apresenta dados importantes para a continuidade do desenvolvimento do TRE. O progresso para uso do instrumento possibilitará a investigação da participação dessa habilidade em diversos outros campos, como a educação, o relacionamento amoroso, os transtornos mentais, etc. Além disso, os resultados obtidos sugeriram a necessidade de se pensar a regulação de emoções como um processo complexo, que envolve diferentes tipos de processamento da informação e que também terão que ser melhor investigados em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- Aldao, A. (2013). The future of emotion regulation research capturing context. *Perspectives on Psychological Science*, 8(2), 155-172.
- Aldao, A., & Nolen-Hoeksema, S. (2012). The influence of context on the implementation of adaptive emotion regulation strategies. *Behaviour Research and Therapy*, 50(7– 8), 493–501. <http://dx.doi.org/10.1016/j.brat.2012.04.004>
- Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30(2), 217-237.
- Bueno, J. M. H. (2008). *Construção de um instrumento para avaliação da inteligência emocional em crianças* (Tese de doutorado), Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil.
- Bueno, J. M. H. (2013). Construção e validação de um instrumento para avaliação da regulação emocional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 186-200.
- Bueno, J. M. H., Santana, P. R., Zerbini, J., & Ramalho, T. B. (2006). Inteligência emocional em estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 305-316. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722006000300007>
- Ciarrochi, J. V., Chan, A. Y., & Caputi, P. (2000). A critical evaluation of the emotional intelligence construct. *Personality and Individual differences*, 28(3), 539-561.
- Cobêro, C. (2004). *Inteligência emocional: validade do MSCEIT no contexto organizacional*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco. Itatiba
- Coutinho, J., Ribeiro, E., Ferreira, R., & Dias, P. (2010). Versão portuguesa da escala de dificuldades de regulação emocional e sua relação com sintomas psicopatológicos. *Rev Psiq Clin*, 37(4), 145-51.
- Cruvinel, Miriam, & Boruchovitch, Evely. (2010). Regulação emocional: a construção de um instrumento e resultados iniciais. *Psicologia em Estudo*, 15(3), 537-545.
- Dantas, M .A. (2004). *Evidências de validade do Mayer Salovey Caruso Emotional*

Intelligence Test (MSCEIT). Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba.

Dantas, M. A., & Noronha, A. P. P. (2005). Inteligência emocional: parâmetros psicométricos de um instrumento de medida. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 5(1), 59-72.

Dixon-Gordon, K. L., Aldao, A., & De Los Reyes, A. (2015). Emotion regulation in context: Examining the spontaneous use of strategies across emotional intensity and type of emotion. *Personality and Individual Differences*, 86, 271-276.

Fernández-Berrocal, P., Berrios-Martos, M. P., Extremera, N., & Augusto, J. M. (2012). Inteligencia emocional: 22 años de avances empíricos. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 20(1), 5-13.

Goleman, D. (1996). *Inteligência emocional* (M. Santarrita, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Gondim, S. M. G., Pereira, C., Hirschle, A. L. T., Palma, E. M. S., Alberton, G. D., Paranhos, J., & Ribeiro, W. (2015). Evidências de validação de uma medida de características pessoais de regulação das emoções. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28(4), 659-667.

Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of psychopathology and behavioral assessment*, 26(1), 41-54.

Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: an integrative review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271-299.

Gross, J. J. (1999). Emotion regulation: Past, present and future. *Cognition & Emotion*, 13, 551-573.

Gross, J.J. (2002). Emotion regulation: affective, cognitive and social consequences. 115. *Psychophysiology*, 39, 281-291.

Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), *Handbook of emotions* (3th ed., pp.497-512). New York: Guilford Press.

Gross, J. J. (2015). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological*

Inquiry, 26(1), 1-26.

Gross, J. J., & Jazaieri, H. (2014). Emotion, emotion regulation, and psychopathology an affective science perspective. *Clinical Psychological Science*, 2(4), 387-401.

Gross, J. J. & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348-362. doi: 10.1037/0022-3514.85.2.348.

Gross, J., & Thompson, R. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3-24). New York: Guilford Press.

Jesus Junior, A. G. (2004). *Estudo de validade e precisão do Mayer - Salovey - Caruso Emotional Intelligence Test*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba.

Kristensen, C. H., Gomes, C. F. de A., Justo, A. R., & Vieira, K. (2011). Normas brasileiras para o Affective Norms for English Words. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 33(3), 135-146.

Lasaitis, C., Ribeiro, R. L., Freire, M. V., & Bueno, O. F. A. (2008). Atualização das normas brasileiras para o International Affective Picture System (IAPS), *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 30(3), 230-235.

Machado, T. S., & Reverendo, I. M. (2012). Regulação emocional em adolescentes (ERICA): estudo da relação com a percepção da aceitação-rejeição materna. In L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J. C. Silva, & V. Monteiro (Eds.), *Actas - 12º Colóquio Psicologia Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento: Olhares contemporâneos através da Investigação e da prática* (pp.1596-1610). Lisboa: ISPA.

Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence* (pp. 3–31). New York: Basic Books.

Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (1999). Emotional intelligence meets traditional standards for an intelligence. *Intelligence*, 27(4), 267-298.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2002). *Mayer-Salovey-Caruso Emotional*

Intelligence Test (MSCEIT) user's manual. Toronto, Canada: MHS.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2002). *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) user's manual*. Toronto, Canada: MHS.

Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2008). Emotional intelligence: new ability or eclectic traits? *American psychologist*, 63(6), 503.

Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D. R., & Sitarenios, G. (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V2.0. *Emotion*, 3(1), 97.

Miguel, F. K. (2015). Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-usf*, 20(1), 153-162.

Miguel, F. K. & Bueno, J. M. H. (2016). Inteligência emocional. Em Miguel, F. K... [et al.] (Orgs.), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções: as emoções e seu processamento normal patológico*, (Vol. 2, pp. 35-49). São Paulo: Vetor.

Miguel, F.K., Couto, G., Muniz, M., Primi, R., & Noronha, A.P.P. (2007). Análise Multidimensional da Percepção de Emoções Primárias. *Encontro*, 11(15), 101-114.

Miguel, F. K., & Primi, R. (2014). Estudo psicométrico do Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 1-9. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000100002&lng=pt&tlng=pt.

Naragon-Gainey, K., McMahon, T. P. & Chacko, T. P. (2017). The structure of common emotion regulation strategies: A meta-analytic examination. *Psychological Bulletin*, 143, 384 – 427.

Nelis, D., Quoidbach, J., Hansenne, M., & Mikolajczak, M. (2011). Measuring individual differences in emotion regulation: The emotion regulation profile-revised (ERP-R). *Psychologica Belgica*, 51(1).

Noronha, A. P. P., Primi, R., Freitas, F. A., Dantas, M. A. (2007). Análise dos itens do Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test: escalas da área estratégica. *Psicologia em Estudo*, 12(2), p. 415-422.

Palmer, B. R., Gignac, G., Manocha, R., & Stough, C. (2005). A psychometric evaluation of the Mayer–Salovey–Caruso Emotional intelligence test version 2.0. *Intelligence*, 33(3), 285-305.

Peña-Sarrionandia, A., Mikolajczak, M., & Gross, J. J. (2015). Integrating emotion regulation and emotional intelligence traditions: a meta-analysis. *Frontiers in psychology*, 6, 160.

Petrides, K. V. (2017). Emotional Intelligence, in: *Reference Module in Neuroscience and Biobehavioral Psychology*, 1–6. <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-809324-5.05601-7>

Plutchik, R. (2003). *Emotions and Life: Perspectives from Psychology, Biology and Evolution*. Washington, DC: American Psychological Association.

Primi, R. (2003). Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação psicológica*, 2(1), 67-77.

Primi, R., Bueno, J. M. H. & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(1), p.26-45.

Ribeiro, R. L., Pompéia, S., & Bueno, O. F. A. (2004). Normas brasileiras para o International Affective Picture System (IAPS): Comunicação breve, *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(2), 190-194.

Ruiz, E., Salazar, I. C., & Caballo, V. E. (2012). Inteligencia emocional, regulación emocional y estilos/trastornos de personalidad. *Behav Psychol*, 20, 281-304.

Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition, and Personality*, 9, 185-211.

Vaz, F. J. M. (2009). *Diferenciação e regulação emocional na idade adulta: tradução e validação de dois Instrumentos de avaliação para a população Portuguesa* (Tese de Mestrado). Minho: Instituto de Educação e Psicologia.

Veloso, M., Gouveia, J. P., & Dinis, A. (2011). Estudos de validação com a versão portuguesa da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE). *Psychologica*, (54),

p-87.

Werner, K. & Gross, J. J. (2010). Emotion Regulation and Psychopathology: A Conceptual Framework. In A. M. Kring & D. M. Sloan (Eds.), *Emotion Regulation and Psychopathology: A Transdiagnostic Approach to Etiology and Treatment* (pp. 13-37). New York: Guilford.

Woyciekoski, C., & Hutz, C. S. (2009). Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 1-11.

APÊNDICE A - TESTE DE REGULAÇÃO DE EMOÇÕES

Este estudo busca conhecer como e quais são as estratégias que você considera as melhores para regular as emoções (Lira & Bueno, 2017). Para isso, serão apresentadas oito histórias sobre pessoas em diversas situações. Para cada situação, são oferecidas algumas opções de estratégias que podem ser tomadas para lidar com o que a pessoa está sentindo. Para responder ao questionário, pense no quão eficaz é cada uma dessas opções atribuindo 1 para estratégias muito ineficazes ou 5 para estratégias muito eficazes. Pontuações de 2, 3 ou 4 podem ser empregadas para representar efetividades intermediárias aos valores extremos.

Alegria

João teve um ótimo dia no trabalho e estava voltando para casa radiante. No entanto, ele pegou um engarrafamento demorado. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para que João possa lidar com suas emoções							
Lamentar não ter ido por outro caminho.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Ficar buzinando.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Ligar o som e tentar relaxar.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz

Medo

Ana está voltando para casa mais tarde do que de costume. Ela está andando sozinha e sabe que na rua à sua frente já houve vários assaltos. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para Ana lidar com o que está sentindo.				
--	--	--	--	--

Tomar outro caminho considerado mais seguro, porém mais longo.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Ficar parada à espera de que alguém a ajude.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Pensar positivo e confiar que mesmo seguindo por esta rua chegará em casa segura.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz

Tristeza

O filho mais velho de Mônica faleceu em um acidente. Após algumas semanas ela continua sem vontade de fazer as coisas que antes gostava. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para Mônica lidar com esta situação.							
Pensar que tem outros filhos e se dedicar a eles.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Chorar, dando-se conta de que se sentirá muito sozinha.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Dormir (ou comer), evitando pensar em seus sentimentos.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz

Aceitação

Uma mãe vai levar seu filho para o primeiro dia de aula. Ele chora quando vai entrar. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para essa mãe lidar com a situação.	
Sair sem olhar para trás, para não sofrer com o choro do filho.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz
Abraçar o filho e o levar de volta para casa.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz
Pensar no quanto esse enfrentamento é importante para a autonomia do filho e combinar de conversar com ele sobre o seu dia na escola.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz

Raiva

Ivaldo assistiu ao jogo de vôlei da seleção do seu país. O jogo foi bastante equilibrado, mas sua seleção perdeu e os torcedores adversários (estrangeiros) estão comemorando de forma provocativa. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para Ivaldo lidar com esta situação.	
Sair logo desse ambiente.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz
Pensar em algum aspecto positivo do jogo e aplaudir os jogadores de sua seleção pelo	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz

empenho.	
Responder às provocações adversárias.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz

Surpresa

Ricardo está andando no centro da cidade quando se depara com uma pessoa nua, se comportando de forma estranha. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para Ricardo lidar com esta situação.	
Repreender a pessoa por seu comportamento inadequado.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz
Se perguntar se aquela pessoa está bem e procurar ajuda entre os passantes.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz
Desviar seu caminho para não se aproximar da pessoa.	Muito ineficaz 1() 2() 3() 4() 5() Muito eficaz

Nojo

Joana foi jantar na casa de uma amiga. Quando o prato principal foi servido, seu aspecto e cheiro a deixaram enjoada. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para

Joana lidar com esta situação.							
Dizer de uma forma gentil que a comida não lhe agrada.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Experimentar mesmo assim.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Dar uma desculpa e ir embora.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz

Ansiedade

Jonas foi convocado para participar de um processo seletivo para um cargo que já almejava há muito tempo. Na hora da entrevista, ele está muito ansioso e com receio de que isso estrague tudo. Avalie o quão eficaz é cada uma das ações abaixo para Jonas lidar com esta situação.							
Controlar a expressão do comportamento, dando a impressão de tranquilidade.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Ver alguma coisa no celular para distrair.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz
Pensar em características a respeito de si mesmo, que são compatíveis com o cargo.	Muito ineficaz	1()	2()	3()	4()	5()	Muito eficaz

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para maiores de 18 anos ou emancipados - Resolução 466/12)

Convido o(a) Sr.(a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “**Construção e Busca de Evidências de Validade para um Instrumento de Avaliação da Regulação Emocional**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Celine Lorena Oliveira Barboza de Lira, que pode ser encontrada no seguinte endereço: Av. São Paulo, 565A. Jardim São Paulo, Recife-PE. CEP: 50910-250. Tel (81) 3033.0432, email: celine610@msn.com. A pesquisadora está sob a orientação do Profº Dr. José Maurício Haas Bueno, tel. (81) 2126.8000.

Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa a quem está lhe entrevistando, para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre tudo que está respondendo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

O objetivo deste projeto é desenvolver um instrumento para avaliação da regulação das emoções e avaliar suas propriedades psicométricas. A partir dos resultados obtidos, serão conduzidas análises para verificar se há correlação entre os dados e para a divulgação do resultado final da pesquisa.

Os instrumentos da pesquisa serão respondidos por pessoas que se dispuserem a responder aos questionários e que tenham idade igual ou superior a 18 anos, no período de Abril a Setembro de 2016. O(a) Sr. (a) responderá a um questionário para caracterizar o grupo de participantes do estudo, o Teste de Regulações de Emoções e, caso seja selecionado, o Inventário Dimensional Clínico de Personalidade. Os dados obtidos com as respostas destes instrumentos poderão ser publicados, porém seus dados pessoais serão mantidos em sigilo, e, a qualquer momento, você poderá desistir de sua participação na pesquisa.

Existe um risco de constrangimento à pessoa que se submeter a responder aos questionários devido à exposição de suas opiniões, sendo que este será minimizado pelo sigilo de suas identidades e pela não identificação nos questionários. O benefício direto que se espera obter aos participantes é uma devolutiva acerca dos resultados correspondentes à sua participação, após o período de coleta e análise de dados. Indiretamente um benefício que também se espera obter com os resultados desta pesquisa é a contribuição no processo de desenvolvimento da psicologia e da ciência com um todo.

Após a conclusão da pesquisa, o material coletado será arquivado por cinco anos, sob a responsabilidade do orientador da pesquisa Profº Dr. José Maurício Haas Bueno, em um armário com chaves, no departamento de Psicologia Cognitiva da UFPE, localizado na Av. Acad. Hélio Ramos, s/n – CFCH, 8º andar, 50670-901, Recife-PE.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de

danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.

Assinatura do pesquisador responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após ter recebido informações sobre o estudo **“Construção e Busca de Evidências de Validade para um Instrumento de Avaliação da Regulação Emocional”**, após a leitura (ou escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar deste estudo, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu tratamento).

_____, Recife, _____ de _____ de 2016.
Assinatura do indivíduo

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar. 02 testemunhas (não ligadas à pesquisadora):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO A - INVENTÁRIO DIMENSIONAL CLÍNICO DA PERSONALIDADE – VERSÃO TRIAGEM

Lucas de F. Carvalho
Universidade São Francisco - Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional (LabAPE) -
www.labape.com.br

A seguir existe uma série de frases sobre como as pessoas *se comportam e pensam*. Responda sobre o quanto estas frases se aplicam a você da maneira mais sincera possível. Não existem respostas certas ou erradas. Não se preocupe se algumas frases lhe parecem pouco comuns, pois elas representam ações que podem servir a outras pessoas. Por favor, não deixe nenhuma alternativa em branco.

Leia atentamente as frases e atribua pontos de 1 a 4, conforme **o quanto elas são verdadeiras para você**, de acordo com a seguinte escala:

- 1 – **Nada** (não tem nada a ver comigo).
- 2 – **Pouco** (tem um pouco a ver comigo).
- 3 – **Moderadamente** (tem a ver comigo).
- 4 – **Muito** (tem muito a ver comigo).

Itens	1 – Nada	2 – Pouco	3 – Moderadamente	4 – Muito	1	2	3	4
23	Passo a vida me preocupando com uma coisa ou outra.				☐	☐	☐	☐
31	Sinto-me diferente e esquisito em relação às outras pessoas.				☐	☐	☐	☐
32	Frequentemente tenho experiências difíceis de explicar (como premonição, telepatia, sexto sentido, etc.).				☐	☐	☐	☐
64	Já pensei em me suicidar.				☐	☐	☐	☐
67	Não me importo se tiver que bater em alguém.				☐	☐	☐	☐
69	Costumo fazer coisas que não gosto para ajudar os outros.				☐	☐	☐	☐
82	As pessoas pensam que eu, algumas vezes, falo de coisas estranhas e diferentes.				☐	☐	☐	☐
92	Sinto-me bem em ajudar os outros com seus objetivos, mas não em me ajudar com os meus.				☐	☐	☐	☐
96	As pessoas não me compreendem e não dão o valor que mereço.				☐	☐	☐	☐
118	Tem momentos que fico tão confuso comigo mesmo que não sei o que fazer da vida.				☐	☐	☐	☐
176	Já me envolvi em brigas com agressão física.				☐	☐	☐	☐
188	Tenho menos interesse por sexo do que a maioria das pessoas.				☐	☐	☐	☐
193	Interesso-me pouco em fazer amizades.				☐	☐	☐	☐
204	Ajudo tanto os outros que acabo me prejudicando.				☐	☐	☐	☐
212	Tenho habilidade de usar o medo para fazer as pessoas realizarem o que quero.				☐	☐	☐	☐